

REFORMADOR

Revista de Espiritismo Cristão

Fundada em 21-1-1883 por

Augusto Elias da Silva

Ano 119 / Novembro, 2001 / Nº 2.072

ISSN 1413-1749

Propriedade e orientação da



FEDERAÇÃO ESPÍRITA
BRASILEIRA

Deus, Cristo e Caridade

Direção e Redação
Rua Souza Valente, 17
20941-040 Rio RJ Brasil



www.febrasil.org.br
feb@febrasil.org.br

Editorial – Transição e Paz

As Revelações — Juvanir Borges de Souza

As Três Revelações — Allan Kardec

A Terra Espera; Arai! — José Carlos da Silva Silveira

A Terra — Amaral Ornellas

Morte: Portal Para a Vida — A. Merci Spada Borges

O Poder da Prece... — Mauro Paiva Fonseca

O Evangelho Aplicado — Adolpho Marreiro Junior

Esflorendo o Evangelho — Não Somente — Emmanuel

Reflexão Médico-Espírita sobre a Eutanásia — Alexander Moreira de Almeida

Perenidade de Inusitado Convite — Passos Lírio

Considerações sobre o MEDNESP 2001 — Evandro Noleto Bezerra

II Encontro Espírita Boliviano

Civilização e Progresso — Iaponan Albuquerque da Silva

Jesus e a Obsessão — Rildo G. Mouta

Mirabeli — Um Médiun Quase Completo — Fabiano Possebon

Assassinatos Preventivos — José Yosan dos S. Fonseca

Aborto

A FEB e o Esperanto — Espiritismo e Esperanto na Croácia — 86º Congresso Universal de Esperanto — Ismael de Miranda e Silva

Da Vida Esperantista

Reações Prestigiosas ao Congresso Universal de Esperanto

Missão e Poder dos Apóstolos — Severino Barbosa

À Morte — Antero de Quental

Seara Espírita

Nota: O tema de nossa capa em novembro – mês de Finados – é MORTE: PORTAL PARA A VIDA, baseado em artigo com esse título, o qual ressalta a contribuição da Doutrina Espírita, elucidando o homem sobre o fenômeno da morte. Ainda acerca do assunto, temos o artigo *Reflexão Médico-Espírita sobre a Eutanásia*, que aborda os vários argumentos em favor da chamada “morte piedosa”, analisando-os sob a visão espírita, contrária a esse ato que “rompe a experiência reencarnatória antes do seu término natural, embaraçando a evolução do Espírito e acarretando-lhe uma maior dose de dores”.

Editorial

Transição e Paz

A fase de transição que a Humanidade está vivendo, que possibilitará à Terra deixar a categoria dos “mundos de expiação e provas, onde domina o mal”, e passar para a dos “mundos de regeneração, nos quais as almas que ainda têm o que expiar haurem novas forças, repousando das fadigas da luta”*, já é de há muito conhecida dos espíritas, com base nos ensinamentos trazidos pelos Espíritos Superiores.

Temos a convicção, também, de que esta fase de transição estará marcada, ainda, por lutas e testemunhos valorosos, possibilitando ao homem – que é um Espírito imortal que progride através das sucessivas reencarnações –, ingressar nessa nova fase do mundo, moral e intelectualmente mais depurado e mais aprimorado.

Nesses momentos de dor e de sofrimento, pelos quais a Humanidade está passando, cabe-nos, como espíritas, e por força da caridade que estamos convidados a vivenciar, contribuir para que a paz, a serenidade e a fraternidade sejam mantidas ou conquistadas, tanto quanto possível.

Para essa situação, será fundamental que nos mantenhamos unidos em nossos grupos, centros ou sociedades espíritas, preservando a paz íntima que o conhecimento espírita nos proporciona, orando e cultivando os melhores sentimentos e pensamentos em favor da paz em todo o mundo, e, ainda, atendendo, assistindo e esclarecendo aos Espíritos necessitados, como também às pessoas que procuram os núcleos espíritas em busca de orientação e amparo.

Desta forma, e a despeito das naturais dificuldades que caracterizam esta fase de transição, estaremos realmente contribuindo para a construção de um ambiente de paz entre todos os homens, e estaremos ajudando na construção de um mundo novo, marcado por uma vivência mais constante da paz e do progresso, pois, como nos ensina Jesus, são “bem-aventurados os mansos, porque herdarão a Terra”. ●

* Kardec, Allan. *O Evangelho segundo o Espiritismo*. 117. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2001, cap. III, n.o 4.

As Revelações

JUVANIR BORGES DE SOUZA

Necessita o homem das revelações?

Se é dotado de inteligência e de raciocínio, se pode pesquisar a verdade e a realidade sobre si mesmo e sobre tudo que o rodeia, desde as menores coisas até o Universo infinito, por que se justificam as revelações?

Que é revelação?

Revelar é retirar o véu, descobrir, fazer conhecer, patentear.

Todo conhecimento novo de um fato é uma revelação.

*A Física, a Química, a Astronomia, a Geologia, a Medicina e todas as ciências cultivadas pelo homem têm revelado leis e princípios e retificado conhecimentos anteriores que dizem respeito à **matéria**, um dos elementos do Universo.*

*Mas, através de seus atributos de inteligência e de raciocínio, o homem tem extrema dificuldade em tomar conhecimento e descobrir tudo que se refere ao **espírito**, o outro elemento da Criação Divina.*

As revelações inspiradas por Deus, o Criador de tudo o que existe, e trazidas pelo Cristo, por missionários, profetas, enviados, são formas da assistência e do auxílio permanentes do Mundo Espiritual aos homens.

As religiões, as filosofias, o conjunto de regras de conduta humana, qualificadas do ponto de vista do bem e do mal, constituindo a moral e a ética das sociedades humanas de todos os tempos, originaram-se das revelações.

A realidade das revelações, em todas as eras da Humanidade, não anula o livre-arbítrio do homem, que pode aceitá-las, ou não, interpretá-las corretamente ou deturpar seu verdadeiro sentido.

Note-se, ainda, que, muitas vezes, toma-se como revelação superior o produto de uma concepção pessoal. Por isso, toda *revelação* desmentida por fatos reais não pode ser considerada como tal.

As revelações da Espiritualidade Superior são graduadas às inteligências a que se dirigem e, por isso, não ultrapassam a capacidade de percepção de um povo, de uma raça, de uma civilização.

São exemplos as revelações mais remotas, que deram origem aos conhecimentos e às religiões tradicionais do Oriente, que apresentam parcelas da Verdade, e não a Verdade em seu sentido absoluto.

O conhecimento das realidades, em um mundo atrasado como o nosso, faz-se gradativamente no tempo e nas circunstâncias que a Providência Divina determina, na medida em que os homens façam jus a novas conquistas intelectuais e morais.

...

A existência de Deus, na eternidade, e da alma imortal, o princípio espiritual do homem, constituem os princípios fundamentais das religiões.

Mas as religiões, originariamente firmadas em revelações do Mundo Espiritual, têm seus princípios acrescidos e manipulados pelos homens, através de interpretações que levam à dominação, à imposição, à satisfação de ambições em proveito do orgulho e do egoísmo humanos.

É o que ocorreu com a Mensagem do Cristo de Deus, que revelou aos ho-

mens verdades eternas, a qual foi transformada em múltiplas religiões denominadas cristãs, que contrastam com os ensinamentos de Jesus, ao ponto de levarem seus profetas às guerras, às violências, às condenações por tribunais especiais e a tantas outras aberrações.

A Doutrina dos Espíritos, o Consolador prometido e enviado dezoito séculos após a Revelação do Cristo, visa restabelecer o sentido original da Grande Mensagem, acrescentando as coisas novas que a Humanidade atual está em condições de entender.

Esse fato notório especialmente percebido pelos espíritas sinceros mostra que as revelações se encadeiam, são sucessivas, cada uma explicando e desenvolvendo as anteriores, atendendo às inteligências e às necessidades da época em que são enviadas pela vontade do Criador.

No caso da Terceira Revelação, o Espiritismo, há um perfeito encadeamento.

Ela é nitidamente cristã, no sentido exato de Doutrina do Cristo, explicando-a e acrescentando os fatos da lei natural: a comunicação entre os dois mundos, as vidas sucessivas, a pluralidade dos mundos habitados, a lei de causa e efeito, a lei do progresso e todas as leis morais resumidas por Jesus no amor a Deus e ao próximo.

Por sua vez, a Doutrina do Cristo, a Segunda Revelação Divina, apoiou a anterior de Moisés, recebida no monte Sinai. Suas palavras – “Não vim destruir a Lei, mas dar-lhe cumprimento” – não deixam dúvidas quanto à procedência divina dos dez mandamentos, mas o Mestre retificou e reformulou muitos entendimentos dos hebreus firmados em costumes e tradições.

“Preservai-vos do fermento dos fariseus, que é a hipocrisia, porquanto, nada há oculto que não venha a ser revelado e nada secreto que não venha a ser conhecido.”

Por essas palavras Jesus, que é o enviado de Deus, o Governador Espiritual deste Planeta, deixa claro o progresso como lei divina, ao mesmo tempo que anuncia a evolução natural pelo conhecimento obtido pelos homens, seja através das ciências, seja pelas revelações.

Se para Deus nada há oculto, para os Espíritos, suas criaturas imortais, nada permanecerá secreto que não venha a tornar-se conhecido.

Tudo fica sujeito ao decurso do tempo, ao progresso das inteligências e da sensibilidade dos homens para ser compreendido.

Por isso Jesus falava à multidão por uma forma alegórica, através das parábolas, que apresentavam o característico de permitir a cada um dar-lhes a interpretação que lhe parecesse mais acertada.

Aos discípulos, Espíritos mais adiantados, ensinava sua moral sublime em termos mais claros e precisos.

Os discípulos atuais do Mestre, mais aptos pelo progresso intelectual e moral alcançado, podem entender com relativa facilidade as novas revelações do Espírito de Verdade e dos Espíritos Superiores, sem as vendas alegóricas que ocultavam o sentido sublime dos ensinamentos morais do Cristo.

Graças à Nova Revelação, tornou-se claro *quem é o Filho* e sua doutrina, que não se confunde com o *Pai e Criador*, como têm entendido as denominadas Igrejas Cristãs que criaram o dogma da Santíssima Trindade.

Assim, os espíritas estão incumbidos de restabelecer a verdade proclamada por Jesus, o Cristo, em várias passagens de seu Evangelho – que Ele, Jesus, é o

filho de Deus e não o próprio Deus, distinção importante para se entender a verdadeira doutrina teológica.

Graças à Revelação Espírita, cuja doutrina moral é a do Cristo, em seu sentido espiritual e não literal, não subsiste a confusão entre o *Pai* e o *Filho*, entre o Criador de todas as coisas, a Inteligência Suprema do Universo e o Governador Espiritual da Terra, Jesus, o Cristo, uno com o Pai, no sentido de representante e executor das leis de Deus.

A confusão estabelecida pela interpretação equivocada das Escrituras deu margem a conseqüências diversas adotadas pelas igrejas denominadas cristãs, cuja remoção se torna extremamente difícil.

A Revelação Espírita iniciada pelos Espíritos do Senhor, com o Espírito de Verdade à frente, não encerra todo o conhecimento das realidades espirituais.

Desdobramentos se fizeram dos princípios enunciados na Codificação do missionário Allan Kardec.

A Verdade e a realidade se ampliam com novos conhecimentos sobre o Planeta e o Universo infinito, sobre o homem, Espírito imortal e seu destino.

Pormenores sobre o Mundo Espiritual foram mostrados no decurso do século XX, através da rica literatura enviada pelos Espíritos por intermédio de outro missionário, Francisco Cândido Xavier.

As revelações vão continuar, na medida do progresso intelecto-moral dos homens.

O mundo regenerado que esperamos será conseqüência da prática progressiva do Amor, da Justiça e da Caridade, por seus habitantes, para que a Luz afaste as trevas e a Ciência cumpra sua função, sem o preconceito da exclusão do espírito.

...

Pelo encadeamento natural das três Revelações, a mosaica, a cristã e a espírita, que apresentam aspectos da Verdade cada vez mais nítidos, mas todos eles oriundos da Divindade, não se deve concluir que não existam outras revelações. Elas existiram em todos os tempos, beneficiando os povos do Oriente, que constituem a maior parte da população terrestre.

Como elucida Emmanuel em *A Caminho da Luz* (p. 81 – 23. ed. FEB):

“As primeiras organizações religiosas da Terra tiveram, naturalmente, sua origem entre os povos primitivos do Oriente, *aos quais enviava Jesus, periodicamente, os seus mensageiros e missionários.*” (Grifos nossos.)

Comprovam essa informação os Vedas, que há mais de seis mil anos já se referem aos ensinamentos de grandes mestres da sabedoria hindu, que os antecederam em cerca de dois milênios, atuando nas margens dos rios sagrados da Índia.

É ainda Emmanuel que torna clara a existência de uma unidade substancial nas tradições religiosas, já que todas as revelações se referem a Deus como a essência da vida em todo o Universo e ao Cristo como uma visão sublimada, esperado em todas as latitudes do Globo.

Sendo o Cristo de Deus o Governador Espiritual da Terra, o organizador de sua evolução, torna-se evidente que Ele, como Filho, uno com o Pai, é o responsável pela evolução deste Orbe e de toda a Humanidade.

Seus emissários trouxeram, em diferentes épocas, parcelas da Verdade que Ele mesmo, em pessoa, reafirmou e exemplificou quando de sua passagem pelas

terras da Palestina, há dois mil anos. ●

As Três Revelações

– A primeira revelação teve a sua personificação em Moisés, a segunda no Cristo, a terceira não a tem em indivíduo algum. As duas primeiras foram individuais, a terceira coletiva; aí está um caráter essencial de grande importância. Ela é coletiva no sentido de não ser feita ou dada como privilégio a pessoa alguma; ninguém, por consequência, pode inculcar-se como seu profeta exclusivo; foi espalhada simultaneamente, por sobre a Terra, a milhões de pessoas, de todas as idades e condições, desde a mais baixa até a mais alta da escala, conforme esta predição registrada pelo autor dos Atos dos Apóstolos: “Nos últimos tempos, disse o Senhor, derramarei o meu espírito sobre toda a carne; os vossos filhos e filhas profetizarão, os mancebos terão visões, e os velhos, sonhos.” (*Atos*, cap. II, vv. 17, 18.) Ela não proveio de nenhum culto especial, a fim de servir um dia, a todos, de ponto de ligação.

– As duas primeiras revelações, sendo fruto do ensino pessoal, ficaram forçosamente localizadas, isto é, apareceram num só ponto, em torno do qual a idéia se propagou pouco a pouco; mas, foram precisos muitos séculos para que atingissem as extremidades do mundo, sem mesmo o invadirem inteiramente. A terceira tem isto de particular: não estando personificada em um só indivíduo, surgiu simultaneamente em milhares de pontos diferentes, que se tornaram centros ou focos de irradiação. Multiplicando-se esses centros, seus raios se reúnem pouco a pouco, como os círculos formados por uma multidão de pedras lançadas na água, de tal sorte que, em dado tempo, acabarão por cobrir toda a superfície do globo.

Essa uma das causas da rápida propagação da doutrina. Se ela tivesse surgido num só ponto, se fosse obra exclusiva de um homem, houvera formado seitas em torno dela; e talvez decorresse meio século sem que ela atingisse os limites do país onde começara, ao passo que, após dez anos, já estende raízes de um pólo a outro.

– Esta circunstância, inaudita na história das doutrinas, lhe dá força excepcional e irresistível poder de ação; de fato, se a perseguirem num ponto, em determinado país, será materialmente impossível que a persigam em toda parte e em todos os países. Em contraposição a um lugar onde lhe embarcem a marcha, haverá mil outros em que florescerá. Ainda mais: se a ferirem num indivíduo, não poderão feri-la nos Espíritos, que são a fonte donde ela promana. Ora, como os Espíritos estão em toda parte e existirão sempre, se, por um acaso impossível, conseguissem sufocá-la em todo o globo, ela reapareceria pouco tempo depois, porque repousa sobre um fato que está na Natureza e não se podem suprimir as leis da Natureza. Eis aí o de que se devem persuadir aqueles que sonham com o aniquilamento do Espiritismo. (*Revue Spirite*, fev. 1865, pág. 38: “Perpetuidade do Espiritismo”.)

Allan Kardec

A Terra Espera; Arai!

JOSÉ CARLOS DA SILVA SILVEIRA

Mãos à obra! o arado está pronto; a terra espera; arai!

Erasto

No capítulo XX de *O Evangelho segundo o Espiritismo*, de Allan Kardec – *Os Trabalhadores da Última Hora* –, destacamos uma mensagem, assinada pelo Espírito Erasto, de alto significado para o Movimento Espírita. Trata-se do texto intitulado *Missão dos espíritas*, que trazemos a estas páginas, para reflexão.

A mensagem em referência traça o programa a ser desenvolvido pelos espíritas, com vistas à divulgação do Espiritismo, ressaltando o momento presente de transformação moral do Planeta como oportunidade inigualável para a realização dessa tarefa. Erasto sintetiza-o usando de magnífica imagem, que expressa vibrante convocação: *Mãos à obra! o arado está pronto; a terra espera; arai!*

Esse programa de ação se desdobra em três aspectos. O primeiro deles se patenteia na expressão *o arado está pronto*.

O *arado* é aparelho usado para arar a terra, a fim de prepará-la para receber a semente. Em nossa tarefa de divulgação da Doutrina Espírita, o *arado* pode ser entendido como os instrumentos que possuímos, ou detemos, para agir. São os nossos conhecimentos, as nossas experiências, as nossas disponibilidades, as nossas aquisições intelectuais e morais, as nossas possibilidades materiais e sociais, enfim, todos os talentos de que dispomos, convidando-nos, incessantemente, a servir.

O *arado está pronto*. Assim é porque a Doutrina Espírita vem, ao longo do tempo, educando-nos para compreender a vida sob um novo prisma: o do espírito. Sob esse enfoque, possuímos já condições de usar os nossos talentos tendo em vista o bem geral e não apenas os nossos interesses pessoais, enquadrando-nos, assim, dentro dos parâmetros definidos por Kardec para o *verdadeiro espírita* – aquele que se reconhece *pela sua transformação moral e pelos esforços que emprega para domar suas inclinações más*. Dessa forma, para a ação que nos compete, falta-nos tão-somente um elemento: o exercício da nossa vontade. Daí apressar-se Erasto a concitar: *Mãos à obra!*, recordando Jesus, quando afirmou: *Ninguém que lança mão do arado e olha para trás é apto para o reino de Deus*. (Lucas, 9:62.)

Com efeito, é preciso pôr mãos à obra:

*Não escutais já o ruído da tempestade que há de arrebatrar o velho mundo e abismar no nada o conjunto das iniquidades terrenas? Ah! bendizei o Senhor, vós que haveis posto a vossa fé na sua soberana justiça e que, novos apóstolos da crença revelada pelas proféticas vozes superiores, ides pregar o novo dogma da **reencarnação** e da elevação dos Espíritos, conforme tenham cumprido, bem ou mal, suas missões e suportado suas provas terrestres.*

Não mais vos assusteis! As línguas de fogo estão sobre as vossas cabeças. Ó verdadeiros adeptos do Espiritismo!... sois os escolhidos de Deus! Ide e pregai

a palavra divina. É chegada a hora em que deveis sacrificar à sua propagação os vossos hábitos, os vossos trabalhos, as vossas ocupações fúteis. Ide e pregai. Convosco estão os Espíritos elevados. (Erasto, Missão dos espíritos).

O segundo aspecto do programa vem descrito pela expressão *a terra espera*.

De fato, *a terra espera* a semente, pois é nela que esta deve germinar. Consoante ensina Jesus, na *Parábola do semeador*, mesmo a terra improdutiva pode receber a semente. Compete, porém, ao agricultor, quando necessário, preparar previamente a terra, para que a semente aí lançada tenha condições de germinar e dar frutos. De igual sorte, a Humanidade anseia por ensinamentos que a despertem ou estimulem para o progresso moral. Principalmente nos dias atuais, em que o Planeta está prestes a entrar em novo estágio evolutivo, vê-se uma carência generalizada de espiritualidade. Os homens desejam novos rumos para a sua vida, embora muitas vezes não saibam o que fazer para descobri-los. Assemelham-se, em tudo, à terra, segundo descrito na *Parábola do semeador*: encontram-se na expectativa de algo novo que os possa guiar por caminhos menos íngremes na busca de horizontes espirituais mais amplos; entretanto, enfrentam dificuldades para a recepção dos ensinamentos superiores, por não serem, ainda, em grande parte, maduros para compreendê-los. Como proceder, então, para preparar a terra dos corações humanos de modo que se torne, de alguma forma, receptiva aos ensinamentos do Espiritismo? Erasto aponta o caminho a seguir, descerrando-nos o terceiro aspecto do seu programa de ação: “*arai!*”. A propósito, explica:

Ide e pregai. (...) Certamente falareis a criaturas que não quererão escutar a voz de Deus, porque essa voz as exorta incessantemente à abnegação. Pregareis o desinteresse aos avaros, a abstinência aos dissolutos, a mansidão aos tiranos domésticos, como aos déspotas! Palavras perdidas, eu o sei; mas não importa. Faz-se mister regueis com os vossos suores o terreno onde tendes de semear, porquanto ele não frutificará e não produzirá senão sob os reiterados golpes da enxada e da charrua evangélicas. Ide e pregai!

.....

A fé é a virtude que desloca montanhas (...). Todavia, mais pesados do que as maiores montanhas, jazem depositados nos corações dos homens a impureza e todos os vícios que derivam da impureza. Parti, então, cheios de coragem, para removerdes essa montanha de iniquidades que as futuras gerações só deverão conhecer como lenda (...).

Ide, pois, e levai a palavra divina: aos grandes que a desprezarão, aos eruditos que exigirão provas, aos pequenos e simples que a aceitarão; porque, principalmente entre os mártires do trabalho, desta provação terrena, encontrareis fervor e fé.

Assim, é preciso *ir e pregar*, não medindo esforços para que a Doutrina Espírita seja devidamente compreendida por todos.

A tarefa não é fácil. Mas, se *o arado está pronto*, e se *a terra espera*, o que nos compete é arar, pois, só assim, *colheremos*:

Um arado promete serviço, disciplina, aflição e cansaço; no entanto, não se deve esquecer que, depois dele, chegam semeaduras e colheitas, pães no prato e celeiros guarnecidos. (Emmanuel, Pão Nosso, ed. FEB, cap. 3.)

Torna-se necessário, contudo, tomarmos as devidas precauções, a fim de que o trabalho atinja os resultados propostos pelos Espíritos Superiores. Nesse con-

texto, urge atentar para o real sentido das palavras de Erasto, quando comanda: *Ide e pregai*.

Em verdade, esse chamamento não se circunscreve à tarefa da divulgação do Espiritismo por meio da *palavra*, sob quaisquer das suas modalidades. Esse ponto Erasto apresenta, com extrema nitidez, na parte final da sua mensagem, *in verbis*:

Ide e agradecei a Deus a gloriosa tarefa que Ele vos confiou; mas, atenção! entre os chamados para o Espiritismo muitos se transviaram; reparaí, pois, o vosso caminho e segui a verdade.

Pergunta. – *Se, entre os chamados para o Espiritismo, muitos se transviaram, quais os sinais pelos quais reconheceremos os que se acham no bom caminho?*

Resposta. – *Reconhecê-los-eis pelos princípios da verdadeira caridade que eles ensinarão e praticarão. Reconhecê-los-eis pelo número de aflitos a que levem consolo; reconhecê-los-eis pelo seu amor ao próximo, pela sua abnegação, pelo seu desinteresse pessoal; reconhecê-los-eis, finalmente, pelo triunfo de seus princípios, porque Deus quer o triunfo de Sua lei; os que seguem Sua lei, esses são os escolhidos e Ele lhes dará a vitória; mas Ele destruirá aqueles que falseiam o espírito dessa lei e fazem dela degrau para contentar sua vaidade e sua ambição.*

Vê-se, claramente, nas palavras acima reproduzidas, que a exemplificação dos ensinamentos espíritas é a real garantia da correta divulgação do Espiritismo. E isso se torna perfeitamente lógico quando se compreende o valor da força do exemplo no processo de atração dos Espíritos, em quaisquer graus evolutivos em que estejam.

Isto posto, poderíamos, com base na mensagem sob estudo, relacionar algumas qualidades morais necessárias aos espíritas para o bom êxito do seu trabalho na divulgação do Espiritismo. São as seguintes: ter fé, ensinar e praticar a caridade; consolar os aflitos; amar o próximo; ter perseverança, abnegação e desinteresse pessoal; ser capaz de conquistar para o bem.

Evidentemente, a aquisição dessas qualidades não é trabalho de um dia, constituindo-se, de fato, em meta sublime a atingir, em nossas lutas evolutivas. Nada obstante, não se pode negar que, à medida que as vamos adquirindo, mais se nos enriquece a ação doutrinária, e mais se amplia a nossa convicção de que não estamos incluídos dentre aqueles que, *chamados para o Espiritismo (...) se transviaram*.

Por outro lado, a busca das qualidades em apreço fortalecerá a união dos espíritas, ampliando, pelos esforços de uma ação conjunta, as possibilidades de expansão do Espiritismo. É o que deflui das seguintes palavras do Espírito de Verdade, constantes na mensagem *Os obreiros do Senhor*, também inserida no capítulo XX de *O Evangelho segundo o Espiritismo*:

Aproxima-se o tempo em que se cumprirão as coisas anunciadas para a transformação da Humanidade. Ditosos serão os que houverem trabalhado no campo do Senhor, com desinteresse e sem outro móvel, senão a caridade! Seus dias de trabalho serão pagos pelo cêntuplo do que tiverem esperado. Ditosos os que hajam dito a seus irmãos: “Trabalhemos juntos e unamos os nossos esforços, a fim de que o Senhor, ao chegar, encontre acabada a obra”, porquanto o Senhor lhes dirá: “Vinde a mim, vós que sois bons servidores, vós que soubestes impor silêncio aos vossos ciúmes e às vossas discórdias, a fim de que daí não

viesse dano para a obra.”

A precariedade, por ora, das nossas qualidades morais diante do grave compromisso assumido junto à Doutrina Espírita não afasta a possibilidade de sentirmos, desde já, a alegria e a paz advindas do cumprimento do nosso dever. Nesse sentido, encontramos belíssima página de Emmanuel – intitulada *No Paraíso* –, inserida na obra *Pão Nosso*, cap. 81. Na referida página, o abnegado benfeitor espiritual situa todo aquele que desperta para as verdades do espírito na posição do chamado *bom ladrão*, a quem Jesus promete a entrada imediata *no paraíso*. São dele as palavras seguintes:

Podemos apresentar-nos com volumosa bagagem de débitos do passado escuro, ante a verdade; mas desde o instante em que nos rendemos aos desígnios do Senhor, aceitando sinceramente o dever da própria regeneração, avançamos para região espiritual diferente, onde todo jugo é suave e todo fardo é leve. Chegado a essa altura, o espírito endividado não permanecerá em falsa atitude beatífica, reconhecendo, acima de tudo, que, com Jesus, o sofrimento é retificação e as cruzes são claridades imortais.

Ainda, para finalizar esta reflexão em torno das considerações de Erasto, a respeito da *missão dos espíritas*, trazemos a lume outra instrução de Emmanuel bastante significativa para o entendimento deste assunto. Trata-se da mensagem *Crê e Segue*, contida também no livro *Pão Nosso*, cap. 180. Com toda a delicadeza do seu espírito de escol, leciona Emmanuel:

Se abraçaste, meu amigo, a tarefa espírita-cristã, em nome da fé sublimada, sedento de vida superior, recorda que o Mestre te enviou o coração renovado ao vasto campo do mundo para servi-Lo.

Não só ensinarás o bom caminho. Agirás de acordo com os princípios elevados que apregoas.

Ditarás diretrizes nobres para os outros, contudo, marcharás dentro delas, por tua vez.

Proclamarás a necessidade de bom ânimo, mas seguindo, estrada a fora, semeando alegrias e bênçãos, ainda mesmo quando incompreendido de todos.

.....
Ora e vigia.

Ama e espera.

Serve e renuncia.

Se não te dispões a aproveitar a lição do Mestre Divino, afeiçoando a própria vida aos seus ensinamentos, a tua fé terá sido vã.

Ante todo o exposto, forçoso é convir na permanência do cumprimento do programa de ação delineado por Erasto, e que se alicerça na exemplificação da vivência espírita. *Araí!* – exorta o benfeitor espiritual –, porque a terra espera. Urge fazê-lo sem detença, porque *o arado está pronto*.

É pela perseverança no bem que atrairemos os nossos irmãos em humanidade para a excelência da proposta de vida que o Espiritismo descerra, preparando os seus corações para a germinação dos ensinamentos superiores, que frutificarão em alegria e paz, proporcionando, para eles e para nós, a colheita farta da felicidade sem mescla. ●

A Terra

Agradece, cantando, a Terra que te abriga.
Ela é o seio de amor que te acolheu criança,
O berço que te trouxe a primeira esperança,
O campo, o monte, o vale, o solo e a fonte amiga...

Do seu colo desponta a generosa espiga,
Que te farta o celeiro e te rege a abastança,
Dela surge, divino, o lar que te descansa
A mente atribulada entre o sonho e a fadiga.

Louva-lhe a própria dor amarga, escura e vasta,
E exalta-lhe o grilhão que te encadeia e arrasta,
Constringindo-te o peito atormentado e aflito.

Bendize-lhe as lições na carne humilde e santa...
A Terra é a Grande Mãe que te ampara e levanta
Das trevas abismais para os sóis do Infinito!... ●

Amaral Ornellas

Morte: Portal Para a Vida

A. MERCI SPADA BORGES

“Subiu Ele a uma barca com seus discípulos. De repente desencadeou-se sobre o mar uma tempestade tão grande que as ondas cobriam a barca. Ele, no entanto, dormia. Os discípulos se achegaram a Ele e o acordaram dizendo: Senhor, salva-nos, nós perecemos! E Jesus perguntou: Por que este medo, gente pobre de fé? Então levantando-se deu ordem aos ventos e ao mar – e fez-se uma grande calma. Admirados diziam: Quem é este homem a quem até os ventos e o mar obedecem? (Mateus, 8:23-27.)

Falar sobre a morte tem sido, para muitos, motivo de grande sofrimento e mesmo pavor.

Por que tanto medo?

Seria por falta de informações ante o desconhecido? Afirmações distorcidas veiculadas por algumas doutrinas ao longo dos séculos? Ou seria por instinto de conservação? Qualquer que seja o motivo, a verdade é que o medo impera em todos os corações. Muitas doutrinas tentam esclarecer o indivíduo, todavia, ao chegar ante o portal da morte se detém, deixando prevalecer alegorias que atizam ainda mais esse pavor milenar que afeta, em muito, a tranqüilidade do ser, quando não desperta a descrença nos mais afoitos.

Somente a Doutrina Espírita elucida o homem sobre o fenômeno da morte. Onde as demais doutrinas se detêm, o Espiritismo prossegue de forma racional e lógica; emite luz em todos os meandros da dúvida, comprovando cientificamente e de forma objetiva os fenômenos da reencarnação e da comunicabilidade dos Espíritos.

Para adentrar em seus meandros, necessário se faz abordar os fenômenos da vida do homem e as causas que o conduzem à morte.

Uma vez encarnado, o Espírito forma um todo com o perispírito (corpo fluídico), e o corpo biológico. Este cumpre a função de servir ao Espírito de vestimenta carnal enquanto mergulhado na atmosfera terrena. A sua desorganização biológica se efetua com *“a ruptura da coesão molecular”*. E nesse fenômeno, natural ou provocado, os órgãos nobres essenciais à vida entram em falência, sobrevém, então, a morte. Esse corpo carnal *“é a sede das sensações e das dores físicas”* que são transmitidas ao Espírito e este, por sua vez, responde às transmissões de lesões ou alterações dos tecidos orgânicos com as sensações e dores. É como se fosse um grito de alerta à preservação da vida.

Essa comunicação e transmissão direta, entre corpo físico e Espírito, se estabelece através de um agente, o perispírito, *“elo de união entre matéria e Espírito, a ele se liga molécula a molécula desde o momento da concepção até a desencarnação, quando então se desliga do corpo também molécula a molécula.”*

A reencarnação sempre se efetua com uma finalidade útil: proporcionar ao Espírito novas oportunidades de ressarcir débitos, de renovar procedimentos, de realizar tarefas que o conduzam à elevação dentro de um período preestabelecido por uma programação relativa que abranja suas necessidades. Cumprido esse tempo, o corpo, que lentamente passa por transformações biológicas, deperece,

sobrevindo a morte.

Ao reencarnar, cabe aos pais, nos primeiros tempos, a obrigação de cuidar do Espírito, bem como do veículo carnal de seus filhos, provendo a sua alimentação, segurança e bem-estar, proporcionando condições para seu desenvolvimento intelecto-moral. E o Espírito em fase de evolução, a partir do momento em que adquire condições de discernir entre o bem e mal, passará, gradativamente, a ser responsável, perante as leis divinas, pela sua segurança e pelos próprios atos. Ninguém, jamais, renasce com a finalidade de destruir a vida de outrem ou a própria vida.

O instinto de conservação e as leis morais encontram-se ínsitos na própria consciência, e com o desenvolvimento físico, com a educação intelecto-moral, o ser se prepara para a vida social, todavia, raríssimos cuidam da vida do Espírito. Ao enfrentar as provas necessárias e circunstanciais do trajeto terreno, perde-se no emaranhado de situações. E muitas vezes desfalece. Auxílio, com certeza não lhe falta, bastará acolher as múltiplas formas de amparo que o Plano Espiritual oferece. Contudo, é imprescindível que se discipline a maneira de pensar para que se estabeleça comunicação com os Espíritos tutelares, facultando a manutenção da saúde e do equilíbrio. A mente, portanto, tem papel preponderante no sucesso ou insucesso da alma encarnada. O Espírito Emmanuel alerta: *“A mente é mais poderosa para instalar doenças e desarmonias do que todas as bactérias e vírus conhecidos. Necessário, pois, considerar igualmente que desequilíbrios e moléstias surgem também da imprudência e do desmazelo, da revolta e da preguiça.”*

A mente bem conduzida, disciplinada é fator primordial de equilíbrio. Portanto, cabe a cada um o dever de educar o pensamento proporcionando condições geradoras de saúde e bem-estar que atuarão como guardiães da harmonia física e mental. E sempre que necessário a rede de comunicação com os Espíritos amigos entra em prontidão. Se somados a esses procedimentos a fé, os hábitos da oração e da meditação, o homem se preservará dos males que afetam a sociedade terrena nesses momentos tão aflitivos, em que o império da violência impõe o desassossego. Assim, o fantasma da morte desaparecerá dando espaço à serenidade e à confiança. Cada dia será um novo dia de esperança e tranqüilidade, mesmo em meio ao desvario de muitos.

A Doutrina dos Espíritos esclarece, orienta, consola; sua literatura, eivada de lições do Evangelho redivivo, mensagens edificantes, acalenta os corações de boa vontade, desejosos de encontrar o verdadeiro caminho da integração com o Cristo. E graças a esses esclarecimentos o adepto dessa “formosa Doutrina” entenderá que o próprio Espírito gera a sua ambiência mental criada pelos pensamentos, deles se nutrindo. Assim a sua nutrição energética será salutar ou pestilenta de acordo com o próprio pensar e este gera as ações de alto ou baixo teor, induzindo o homem à grandeza ou à vilania.

“A emissão direta e constante do pensamento esclarecido, que conhece as causas e finalidades da vida, realiza o controle das emoções, tornando os indivíduos nobres e equilibrados, que não se transtornam diante de provocações, nem se apaixonam ante as sensações, ou se descompensam enfrentando o sofrimento.”

Com a vida alicerçada no Evangelho e na Doutrina dos Espíritos a alma em provação ante dores atroztes, morte de entes queridos, moléstias irreversíveis, dores físicas ou morais, ou ante a eminência da própria morte, não desfalecerá, terá subsídios elevados para continuar a crescer e mesmo a vencer a própria aflição. Não desiste, porque entende a Misericórdia Divina. Não se revolta porque tem fé.

Prossegue a caminhada sem se esmorecer porque tem a certeza de que o dia seguinte representará novas aquisições e a *“dor é bênção que Deus envia a seus eleitos”*. Sabe, antes de tudo, que a morte do corpo não tira a vida, mas pelo contrário abre novas alamedas para a verdadeira vida, e a desencarnação será tanto mais suave quanto mais leve estiver a consciência.

Importante ressaltar que a desencarnação nem sempre coincide com a morte, esta ocorre *“com o esgotamento dos órgãos”* e a desencarnação se opera *“depois do processo da morte orgânica”*, diferindo em tempo e circunstância, de indivíduo para indivíduo.

Assim, a desencarnação pode ocorrer de forma rápida, suave, todavia, na maioria das vezes pode alongar-se em virtude do estado de perturbação em que mergulha o Espírito. Todo hábito longamente cultivado se estende para o outro lado. Os maus hábitos agem como grilhões que atam o Espírito às ciladas que armou para si mesmo. Esclarece o Espírito Manoel Philomeno de Miranda: *“Desimpregnar-se das sensações mortificantes que anteriormente escravizaram, é o capítulo mais penoso da convalescença **post mortem**.”*

Portanto, viver bem, de acordo com as lições do Evangelho, é preparar o passaporte para uma viagem tranquila rumo ao país dos invisíveis.

O retorno à verdadeira pátria não exige condução específica; não importa a maneira, nem o momento em que se deve partir, o importante é chegar na hora certa sem criar situações que abreviem a vida, a fim de que não se chegue ao porto espiritual como suicida ou homicida.

Amar a vida, viver a vida de forma correta, equilibrada, compartilhando com os demais a mesma alegria. Assim, estender as mãos aos desvalidos, enxugar lágrimas, acalmar tempestades, sem jamais criar circunstâncias de desequilíbrio para os semelhantes. Aplicar o mais antigo e mais atual de todos os ensinamentos: *“Não fazer aos outros o que não desejaria para si.”*

Todo ser tem direitos. Não ultrapassar jamais os direitos alheios. Armar-se de tolerância, paciência, resignação, para com aqueles que às vezes ameaçam os direitos de outrem. Trabalhar para encerrar a ira em seu nascedouro. Desmontar sempre que possível as armadilhas do mal. A regra do bem-viver está expressa em cada situação, para todos os momentos, nas lições de Jesus: *“É dando que se recebe”*; *“Buscai e achareis”*; *“Batei e abrir-se-vos-á”*. *Ninguém está só: “Não vos deixarei órfãos”, “Vigiai e orai para não cairdes em tentações”* – afirmava o divino Senhor.

Por que temer o momento natural do retorno?

Enquanto esse momento não chega, para que se preocupar? O momento atual é de reflexão! Ao espírita cabe a tarefa árdua, mas necessária, de levantar a bandeira em favor da vida. A terra está preparada há muito, *“a seara é grande, os trabalhadores são poucos”*, mas imbuídos de boa vontade a tarefa chegará a bom termo.

Nessa tarefa de conscientização cada ser estará fixando hábitos salutares para uma passagem de equilíbrio e de paz para o outro lado. Quando a hora chegar, não haverá sofrimento, nem desespero, porque a paz de consciência, a fé e a oração transbordarão do Espírito que bem viveu neste Planeta de provas, de expiações, mas também de muitas alegrias. ●

O Poder da Prece...

MAURO PAIVA FONSECA

Nos idos de 1947, quando então me encontrava no verdor das dezoito primaveras, um fato curioso ocorreu, oferecendo-me oportunidade de estender conclusões sobre o valor da oração.

Por força do legado de nosso finado avô, João Luiz de Paiva Júnior, o Comandante Paiva, como era mais conhecido, em nossa família respirava-se a salutar atmosfera espiritual, pois todos em casa já fôramos atingidos por aquele toque mágico, que a Doutrina Espírita tem o poder de transmitir aos que comungam seus elevados ideais de moralidade e espiritualidade.

Residíamos então no Méier, bairro do Rio de Janeiro, em um prédio assobradado, bastante antigo, com dois pavimentos, em centro de terreno, pequeno jardim, e pequena área de terreno nos fundos.

Certa noite de verão, muito quente e abafada, encontrava-me deitado em decúbito dorsal, na parte superior de uma cama beliche. A casa mergulhara em silêncio, pois já passava da meia-noite, e todos se haviam recolhido. De repente, senti-me deslocar, na mesma posição horizontal em que estava, na direção vertical para o alto. O deslocamento fora suave, sem qualquer abalo, e quando já estava quase encostando no forro, senti grande pavor. Com receio de cair, voltei com cuidado a cabeça para ver lá embaixo, e o pânico estabeleceu-se quando vi meu próprio corpo deitado na posição em que o deixara. Apavorado comecei a gritar; eu ouvia meus gritos, mas sabia, com absoluta certeza, que os sons emitidos não saíam pela boca do corpo físico.

Concluindo serem inúteis os esforços para conseguir socorro, pensei comigo mesmo: Nada de pânico, vamos rezar! Procurei então controlar o desespero em que me encontrava, e abstraindo-me daquela situação, confiei-me à prece. A primeira palavra que, em meu pensamento, compôs a súplica naquele momento foi: Jesus... Ao formulá-la, instantaneamente, com velocidade vertiginosa, senti-me descer e retomar o corpo, despertando espantadiço. Completei então a oração, agradecendo a Jesus o socorro obtido, conseguindo em seguida conciliar o sono normalmente.

Este fato demonstra que a força de uma prece individual não reside apenas na coordenação das palavras proferidas, mas na intenção que o pensamento exterioriza, para a fonte de recursos a que se dirige.

Também nos leva a concluir que a fé demonstrada constitui força decisiva na consecução do objetivo colimado. Quando pensei: Nada de pânico, vamos rezar! demonstrei confiança de que conseguiria, com aquele recurso, alcançar a solução.

Repetir muitas vezes a fórmula de uma prece não constitui meio de aumentá-lo o potencial. A ardência do desejo em alcançar-se a finalidade, esta sim, é força determinante do aumento potencial daquela rogativa; o que não indica, por si só, que o objetivo será alcançado, já que, além dele, dependerá de inúmeros outros fatores, como merecimento do orador, coerência do objetivo a alcançar. ●

O Evangelho Aplicado

ADOLPHO MARREIRO JUNIOR

O conhecimento humano, para ser realmente útil à coletividade, não deverá apenas permanecer no terreno das teorias. O médico que terminou seus estudos, embora brilhantes, nenhuma utilidade teria para o povo se não exercitasse no campo prático os seus elevados conhecimentos. No contato direto com o imenso rol de enfermidades que afligem as criaturas é que ele vai acumular experiências, sabedoria e também desenvolver sua capacidade de servir. O mesmo se pode dizer do engenheiro, do advogado, do professor ou de qualquer outro profissional.

Somente o campo experimental pode oferecer a soma necessária de lições práticas, através das quais cada um tem a oportunidade de transformar teorias e informações em experiências concretas, que ao longo do tempo se transformam em tesouro de inestimável valor à comunidade.

No terreno difícil das aquisições espirituais, observamos e sentimos que o fenômeno é idêntico: ninguém conseguirá redenção espiritual somente ao preço de simples acultramento evangélico-doutrinário. A cultura intelectual adquirida nos livros ou memorizada pelo hábito de ouvirmos pregadores, por certo que não nos conduzirá à *Canaã Espiritual*, enquanto tais conhecimentos não forem, um a um, testemunhados nas lições práticas que a vida de relação nos proporciona aqui na Terra. Se assim não fora, talvez dispensássemos as descidas sucessivas à *carne*, uma vez que na *vida livre* também podemos adquirir erudição. Entre muitos exemplos, recordamos André Luiz, que após recuperar-se dos padecimentos suportados no Umbral fez vários cursos e conquistou enorme cabedal de conhecimentos emanados de sábios instrutores espirituais, o que, sem dúvida, não o eximirá da necessidade de voltar ao plano material, a fim de testemunhar nas lutas de uma nova vida tudo quanto aprendeu no espaço. Aliás, ele mesmo, recém-saído do Umbral, passando em revista o viver dos homens no mundo, onde não raro, se confundem valores do intelecto com os valores espirituais, teve esta profunda reflexão:¹

– “Ai! por toda parte, os cultos em doutrina e os analfabetos do espírito! É preciso muito esforço do homem para ingressar na academia do Evangelho do Cristo, ingresso que se verifica, quase sempre, de estranha maneira – ele só, na companhia do Mestre, efetuando o curso difícil, recebendo lições sem cátedras visíveis e ouvindo vastas dissertações sem palavras articuladas.”

Vale lembrar que também o apóstolo Paulo – culto em doutrinas – não escapou, nos primeiros tempos após sua conversão ao Cristo, às extremas dificuldades na aplicação prática do Evangelho no trato com as criaturas, e só conseguiu forças para vencer as próprias deficiências, decepções e desalentos após ouvir e praticar os sábios conselhos de Abigail:2 “Ama, trabalha, espera e perdoa.” Daquele inesquecível momento em diante, o famoso “bandeirante do Evangelho” iniciaria, efetivamente, o curso difícil do Evangelho aplicado, diplomando-se nas duras disciplinas iniciáticas da reforma interior, transpondo a *porta estreita*, de acesso às sutilíssimas dimensões espirituais.

Os longos anos que militamos na Doutrina Espírita nos permitem uma boa visão de como tem sido a nossa conduta (ressalvando-se exceções), diante das lições práticas que a Sabedoria Divina nos oferece, freqüentemente, para o testemunho do Evangelho. Como sabemos, os nossos fracassos nas aulas práticas

ocorrem nos lances mais difíceis da vida, e, principalmente, no relacionamento de pessoa a pessoa. Se passarmos em revista as nossas vidas, verificaremos que poucas lições práticas de perdão, paciência, fé e compreensão temos ministrado ao longo da trilha percorrida na Terra. Embora Kardec tenha enfatizado que o verdadeiro espírita se reconhece pela sua *transformação moral*, em esforço constante pelo aprimoramento, a verdade é que (ressalvando-se exceções, repetimos) gastamos muitos anos estudando a Doutrina e o Evangelho, freqüentando regularmente os Centros Espíritas, sem, contudo, modificar quase em nada os nossos velhos hábitos.

Reduzido é o número daqueles que têm a coragem inaudita para declararem guerra sem quartel às próprias deficiências espirituais, acumuladas na personalidade exterior, em andanças reencarnatórias no seio de muitos povos. De sorte que o maledicente continua maledicente, o orgulhoso continua orgulhoso, o autoritário continua autoritário e assim por diante. Se o clima é de paz e calma, tudo vai muito bem entre companheiros de ideal, no lar, entre colegas de profissão, ou em qualquer outro setor onde sejamos chamados a lidar com pessoas neste conturbado mundo expiatório. Porém, as coisas logo mudam se alguém ousa invadir a área proibida de nossa alma, motivando o despertar de alguma daquelas paixões que ainda remanescem do nosso passado de tropelias. Quando tal ocorre, geralmente perdemos o controle emocional e também a preciosa oportunidade de exercitar o Evangelho em seu sentido prático, compreendendo, tolerando, perdendo etc.

De há muito os Espíritos elevados nos ensinam que não só as situações mais difíceis da vida, mas também os nossos adversários, quando bem compreendidos e recebidos cristãmente, é que se constituem no mais precioso auxílio em nossa jornada para a União Divina.

Na verdade, somos Espíritos que já ultrapassamos o perigo de cometer, a cada instante, transgressões graves, tais como roubar, matar etc.

Já imaginaram, os caros leitores, o sofrimento moral que teríamos de suportar se, não obstante o grau de maturidade consciencial, já por nós alcançado, tirássemos a vida de um semelhante ou subtraíssemos algumas mercadorias ao fazer compras num supermercado? Tais atos, já insuportáveis para o nosso grau de evolução, ainda são praticados por milhares de criaturas em todo o mundo, com a maior naturalidade, sem qualquer escrúpulo de consciência.

Importa considerarmos que, se já superamos esses impulsos primitivos, outros de natureza mais sutil ainda residem em nossa alma, retardando a nossa evolução. Senão vejamos: podemos ser honestos e cumpridores dos nossos deveres familiares e sociais; na Casa Espírita os trabalhos absorvem quase todo o nosso tempo disponível, mas, só por isso, podemos, em sã consciência, afirmar que estamos em constante *transformação moral*, segundo o conceito de Kardec para o verdadeiro espírita? Achamos que não!

Citemos, para exemplo de nossas carências espirituais, um tipo de incidente ainda muito comum em nossos relacionamentos: as mágoas, ah, as mágoas! Quando alguém desrespeita o grande amor que tributamos a nós mesmos, portamo-nos como autênticos enfermos espirituais! Gastamos dias e dias lembrando palavras e atitudes que nos melindraram. Apraz-nos esmiuçar tudo várias vezes a semelhança dos *replays* nos gols do futebol, filmados pela televisão. Abrimos e reabrimos a ferida da mágoa, impedindo sua cicatrização.

Atitudes como essas atestam, claramente, que, na hora em que o Alto nos convoca para as aulas práticas, permitindo que as circunstâncias da vida nos ofereçam testes de incompreensões, ofensas, calúnias, mentiras etc., as nossas rea-

ções quase sempre mostram que ainda não aprendemos a vivenciar o Evangelho e que a transformação moral constante ainda deixa muito a desejar em cada um de nós, mormente porque sabemos que o próprio Jesus nos deu os exemplos mais perfeitos de comportamento nesses testemunhos vivos do seu Evangelho. O apóstolo Paulo também nos fez sentir a necessidade dessas aulas práticas, afirmando: “Os discípulos não poderão caminhar na Terra sem *as marcas da cruz*.” Apóstolos e mártires do Cristianismo, todos aprenderam as letras do Evangelho para depois testemunhá-lo nos lances mais difíceis de sua aplicação prática.

Uma vez aberta a ferida da mágoa em nossa alma, se não tivermos a coragem de partir desassombradamente para a reconciliação com a pessoa ou pessoas que nos melindraram, não importando de que lado esteja a razão, pouca eficácia terão as séries infindáveis de passes que tomemos na esperança de restaurar nosso equilíbrio abalado. Será o mesmo que afugentarmos moscas impertinentes que teimem em pousar em nossa ferida. Manda o bom senso que primeiro curemos a ferida e as moscas desaparecerão. *Reconciliação* será sempre o remédio infalível – único capaz de curar as úlceras das mágoas represadas.

Aliás, foi Jesus – o inconfundível médico das almas – quem nos receitou esse remédio: “Ide e reconciliai com os vossos desafetos, enquanto estais postos a caminho com eles.” (Mateus, 5:25.)

Se nos faltar ânimo para tanto, por acharmos que a razão está toda do nosso lado, lembremo-nos de que Jesus, possuindo poder, sabedoria e pureza, sofreu todas as afrontas imagináveis, sem, contudo, transformá-las em mágoas. Ele que possuía todas as razões, jamais as proclamou a seu favor!

Quando tais enfermidades atingem os lidadores da Seara do Cristo, estes, sem dúvida alguma, se transformam, inconscientemente, em excelentes pontos estratégicos, sobre os quais as milícias organizadas do mal, que agem sorrateiramente no mundo invisível, instalam suas bases, de onde lançam sucessivos ataques, visando aniquilar o grupo-de-trabalho, inoculando-lhe, gradativamente, o veneno da desconfiança, do ciúme, das discórdias, desalentos, até culminarem na cisão entre obreiros. Sobre o perigo dessas enfermidades espirituais, Jesus nos adverte em Mateus (24:28): “Onde estiverem os cadáveres, aí estarão os abutres.” Isso nos leva a crer que a deterioração dos nossos relacionamentos, pela discórdia, é o banquete ideal para os inimigos da Luz (os abutres). Vale lembrar ainda que as nossas mágoas transformam simpatias em antipatias e, não raro, destroem, em instantes, amizades preciosas que gastamos anos construindo com muito carinho.

Outrossim, é evidente que, se as forças negativas ainda operam com tanto êxito em nossos meios, é porque lhes fornecemos clima magnético propício, gerado pelas nossas vulnerabilidades espirituais, ainda não extintas, não obstante nossas porfiadas lutas pela conquista da reforma íntima. Talvez possamos afirmar que a reforma íntima é o nosso curso universitário do Evangelho que permitirá o ingresso nas academias da Vida Maior, enquanto que a simples teorização dos ensinamentos de Jesus tem apenas o valor de um curso elementar.

Ressaltando a importância do Evangelho aplicado nas mais difíceis situações da vida, transcrevemos profundo ensinamento trazido por elevado Mentor de altas esferas espirituais de nosso orbe, a grupos de trabalhadores da colônia espiritual Nosso Lar, que também como nós, ainda encontram dificuldades na vivência dos ensinamentos do Cristo. Asclépios, eis o nome da Entidade, cujo ensinamento é o seguinte: 3 “– O discípulo que segue as virtudes do Mestre, aplicando-as a si próprio, foge às inutilidades do plano exterior, acolhendo-se ao santuário de si mesmo, e auxilia os nossos irmãos imprevidentes e perturbados, rixosos e ingratos, sem

contaminar-se.”

No passado, o Evangelho poderia deixar margem a múltiplas interpretações; hoje, porém, com as luzes do Espiritismo, ninguém mais poderá ter dúvidas: Evangelho só tem valor se aplicado incondicionalmente em todos os problemas de nossas vidas, e, principalmente, no relacionamento entre as criaturas. Na Doutrina Espírita, Arautos de elevados graus evolutivos têm derramado sobre a Terra, principalmente pela psicografia de Francisco Cândido Xavier, conhecimentos que abrangem os mais variados setores das conquistas humanas. Todavia, para que ninguém se engane quanto aos objetivos maiores da Terceira Revelação, um livro se destaca nas obras de André Luiz, como autêntico manual de Evangelho Prático; seu nome: *Agenda Cristã*. 4

Esse é, ao nosso ver, excelente tratado de vida espiritual. Quem conseguir vivenciá-lo estará cumprindo o conceito de Kardec para o verdadeiro espírita. Desse precioso livro extraímos, cuidadosamente, alguns ensinamentos.

Ei-los (lição no 40):

“Falará você na bondade a todo instante, mas, se não for bom, isso será inútil para a sua felicidade.

Sua mão escreverá belas páginas, atendendo a inspiração superior; no entanto, se você não estampar a beleza delas em seu espírito, não passará de um estafeta sem inteligência.

Lerá maravilhosos livros, com emoção e lágrimas; todavia, se não quiser aplicar o que você leu, será tão-somente um péssimo registrador.

.....

Sua capacidade de orientar disciplinará muita gente, melhorando personalidades; contudo, se você não se disciplinar, a Lei o defrontará com o mesmo rigor com que ela se utiliza de você para aprimorar os outros.

.....

Você chamará a Jesus: Mestre e Senhor...; se não quiser, porém, aprender a servir com Ele, suas palavras soarão sem qualquer sentido.” ●

Referências Bibliográficas:

1 XAVIER, Francisco Cândido. Pelo Espírito André Luiz. *Nosso Lar*. 51. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2001.

2 _____ . Pelo Espírito Emmanuel. *Paulo e Estêvão*. 36. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2001.

3 _____ . Pelo Espírito André Luiz. *Obreiros da Vida Eterna*. 26. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2001.

4 _____ . _____ . *Agenda Cristã*. 36. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2000.

Esflorando o Evangelho – Emmanuel

Não Somente

“Nem só de pão vive o homem.”

– Jesus. (Mateus, 4:4.)

Não somente agasalho que proteja o corpo, mas também o refúgio de conhecimentos superiores que fortaleçam a alma.

Não só a beleza da máscara fisionômica, mas igualmente a formosura e nobreza dos sentimentos.

Não apenas a eugenia que aprimora os músculos, mas também a educação que aperfeiçoa as maneiras.

Não somente a cirurgia que extirpa o defeito orgânico, mas igualmente o esforço próprio que anula o defeito íntimo.

Não só o domicílio confortável para a vida física, mas também a casa invisível dos princípios edificantes em que o espírito se faça útil, estimado e respeitável.

Não apenas os títulos honrosos que ilustram a personalidade transitória, mas igualmente as virtudes comprovadas, na luta objetiva, que enriqueçam a consciência eterna.

Não somente claridade para os olhos mortais, mas também luz divina para o entendimento imperecível.

Não só aspecto agradável, mas igualmente utilidade viva.

Não apenas flores, mas também frutos.

Não somente ensino continuado, mas igualmente demonstração ativa.

Não só teoria excelente, mas também prática santificante.

Não apenas nós, mas igualmente os outros.

Disse o Mestre: – “Nem só de pão vive o homem.”

Apliquemos o sublime conceito ao imenso campo do mundo.

Bom gosto, harmonia e dignidade na vida exterior constituem dever, mas não nos esqueçamos da pureza, da elevação e dos recursos sublimes da vida interior, com que nos dirigimos para a Eternidade.

Reflexões Médico-Espírita sobre a Eutanásia

ALEXANDER MOREIRA DE ALMEIDA

A eutanásia* é um tema que sempre gerou muitas controvérsias, mas que ultimamente tem recebido maior destaque por várias razões, porém gostaríamos de explicitar três:

– Alta prevalência de doenças crônicas: com o grande aumento da expectativa de vida ocorrido ao longo do século XX houve o aumento na prevalência de doenças crônicas, mais freqüentes com o envelhecimento (demência, cânceres, doenças neurológicas), que muitas vezes são incuráveis e podem trazer um sofrimento considerável.

– Avanço do materialismo: com a perda de um significado transcendente da vida, freqüentemente não se vê razão para prolongar uma vida “inútil” e de sofrimento, sem perspectiva de recuperação.

– Ênfase na autonomia do paciente: este ponto será discutido a seguir.

1) AUTONOMIA

Tradicionalmente o médico assumia uma postura paternalista em relação ao paciente, tomava todas as decisões sobre o tratamento sem dar muito espaço à vontade do paciente. Havia o predomínio da heteronomia, que, segundo definição do dicionário Aurélio, é a:

“Condição de pessoa ou grupo que receba de um elemento que lhe é exterior (...) a lei a que deve se submeter.”

Atualmente a ética médica tem dado cada vez mais espaço ao desejo e à opinião do paciente, privilegiando a autonomia em detrimento da heteronomia. Autonomia é a:

“Condição pela qual o homem pretende poder escolher as leis que regem sua conduta. Autodeterminação.”

O desenvolvimento da autonomia constitui-se num avanço, pois “o livre-arbítrio se desenvolve à medida que o Espírito adquire a consciência de si mesmo” (*O Livro dos Espíritos* [LE], questão [q] 122)¹. Os defensores da eutanásia enfatizam o princípio da autonomia, o respeito ao desejo do paciente de extinguir seu sofrimento através de uma “morte digna”. Não caberia ao médico impor seu ponto de vista ao paciente, visto que caberia a este decidir sobre sua própria vida.

Entretanto, para que uma decisão seja tomada livremente, com base na autonomia, fazem-se imprescindíveis dois pressupostos, quais sejam: a existência de opções e uma capacidade plena de escolha, com entendimento das conseqüências de cada opção. Faremos uma breve análise desses dois requisitos:

* Por questão de clareza e para delimitar o âmbito da discussão, a palavra eutanásia no presente artigo será utilizada como sinônimo de eutanásia ativa, que é a morte provocada, apressada voluntariamente, através de medidas tomadas pela equipe médica para pôr fim à vida do paciente (p. ex: através de injeções letais).

1.1) EXISTÊNCIA DE OPÇÕES

Para que uma escolha seja considerada livre, necessita-se, obviamente, que haja pelo menos duas opções. Mas muitas vezes não é isso o que ocorre no caso de pacientes terminais. Em todos os países do mundo, mesmo entre os mais ricos, não há equipes que possam dar cuidados adequados a uma parcela significativa desses pacientes. Os médicos normalmente são treinados para curar, mas quando se defrontam com um paciente portador de uma patologia incurável que progredirá inexoravelmente para a morte, normalmente a equipe médica sente-se impotente e frustrada. Os profissionais de saúde quase nunca recebem treinamento em cuidados paliativos a fim de minorar a dor e o sofrimento e melhorar a qualidade de vida dos pacientes terminais. O resultado é a idéia de que “não há mais nada a fazer”, quando, na realidade, há muito a fazer para tornar o melhor possível os últimos instantes desses enfermos. Conseqüentemente, são dispensados cuidados inadequados, gerando um nível desnecessário e evitável de sofrimento^{2 3 4}. Atualmente, devido aos avanços em analgesia, salvo raríssimas exceções, é inadmissível que um paciente terminal sinta dor, mas várias pesquisas demonstram que os pacientes têm suas dores físicas tratadas de modo inadequado⁵. Deve-se lembrar que a dor é justamente um dos maiores temores que as pessoas têm quando se imaginam em situações terminais.

Se a maioria das equipes de saúde no mundo estão despreparadas para lidar com tal situação, imaginemos como ficaria a grande maioria da população brasileira que depende dos serviços públicos de saúde, que freqüentemente têm enorme carência de recursos materiais e de pessoal, mesmo para os mais básicos problemas de saúde.

Muitos pacientes cogitam da eutanásia por temerem a dor, a solidão e o abandono pela família e pela equipe médica. Um exemplo ocorreu na Austrália, onde a eutanásia foi liberada em uma região durante nove meses. Vários pacientes foram mortos por terem doenças letais, apesar de ainda não apresentarem sintomas da doença e terem provavelmente uma razoável sobrevida⁶.

Hoje em dia, grande parte dos pacientes terminais têm que realizar uma draconiana escolha: abreviar a vida e ter uma morte “digna” ou então têm a “opção” de morrer à míngua, abandonados em uma maca num canto de um hospital, sentindo intensas dores e sob uma higiene precária². Oferecer essas duas “opções” a alguém é empurrá-lo para a eutanásia, sendo necessária uma forte convicção moral para rejeitá-la.

1.2) CAPACIDADE PLENA DE ESCOLHA

Um segundo requisito para a efetivação de uma decisão autônoma é a capacidade de compreender plenamente as conseqüências de cada escolha e de decidir-se com base numa análise comparativa entre as opções disponíveis.

A Holanda, um país considerado muito “desenvolvido”, é a única nação onde a eutanásia é amplamente praticada, pois, apesar de não ser legalizada, é tolerada^{**}. Chegou-se lá à espantosa cifra de 2,3% dos óbitos em todo o país serem decr-

** Recentemente, a eutanásia foi legalizada na Holanda (N. da R.)

rentes de eutanásia, sendo que 0,7% das mortes são apressadas sem o consentimento expresso do paciente ⁶. Ou seja, alguém decidiu, sabe-se lá baseado em quais critérios, quem deve ou não morrer. Se tais abusos ocorrem num dos países mais ricos e “desenvolvidos” do mundo, imaginemos a que riscos nossa população desassistida estaria exposta.

Além da gritante situação supracitada, há uma outra onde a plena capacidade de escolha está prejudicada, mas de modo menos evidente. Ao contrário do que muitos pensam, a grande maioria dos pacientes terminais não deseja o apressamento artificial da morte. O fator que as pesquisas têm demonstrado ser mais relacionado com o desejo da eutanásia é a depressão ^{7 8}. A depressão deve ser entendida aqui não como uma tristeza passageira e normal na vida de todos nós, mas sim como uma enfermidade mental necessitando de cuidados psiquiátricos. A depressão é um estado patológico de tristeza permanente, invadindo todos os setores da vida do indivíduo e muitas vezes não conseguindo mais sentir prazer e satisfação mesmo naquilo que lhe era mais caro. Uma alteração fundamental que ocorre na depressão e que é central em nossa argumentação é a distorção no modo como o indivíduo avalia a si mesmo, o mundo e o futuro. Na depressão há um pessimismo profundo, é como se nos fossem colocados óculos muito escuros, passaríamos a enxergar tudo de modo sombrio mesmo que seja um dia claro e ensolarado. As distorções cognitivas do deprimido fazem com que ele veja de modo ampliado os problemas (catastrofização) e ao mesmo tempo minimize suas capacidades de enfrentar as dificuldades. A pessoa muitas vezes também se sente inútil, um peso para os familiares e a equipe médica. Devido a todos esses fatores torna-se mais compreensível o fato de ideações suicidas serem tão comuns nos deprimidos.

Inúmeras pesquisas têm demonstrado que a freqüência de ideação suicida e a avaliação que os pacientes fazem da gravidade de sua enfermidade têm maior relação com os níveis de depressão do que com a gravidade objetiva do doente avaliada pela equipe médica ^{9 10}.

Diante de tudo o que foi exposto, fica difícil garantir uma plena capacidade de escolha num paciente deprimido. Entretanto, apesar disso e da grande deterioração na qualidade de vida gerada pela depressão, este transtorno mental permanece amplamente subdiagnosticado e subtratado em todo o mundo, principalmente entre os pacientes terminais, por considerar-se (erroneamente) que depressão seja algo normal nessas pessoas, não necessitando, portanto, de tratamento ⁸.

Alguns defensores da eutanásia, cientes de tal problemática, propõem que um psiquiatra examine o paciente que deseja a eutanásia a fim de excluir um quadro depressivo. Porém, há vários inconvenientes, um deles seria que o paciente poderia deliberadamente esconder seus sintomas depressivos do psiquiatra (pois sabe que o psiquiatra poderia invalidar sua “escolha” pela morte) e um outro problema seria transformar o psiquiatra num juiz que decidiria quem pode ou não escolher morrer ^{6 8}.

Diante de tantas limitações na existência de opções e na plena capacidade de escolha, muitos médicos (mesmo mantendo a discussão em termos puramente materialistas) argumentam que não seria lícito discutir-se a eutanásia antes de se ter, disponível, um tratamento integral (como o exposto no final deste artigo) a todos os seres humanos, independentemente de fatores econômicos ou sociais ². Da mesma forma, adverte-nos o Espírito Camilo através da mediunidade de Raul Teixeira:

“Fala-se em injeções letalizantes (...) além de outros incontáveis processos de matar aqueles que não representam desafios às sociedades quase sempre

hipócritas, omissas, permissivas e materialistas, que optam pelas providências que se lhes aparentam mais fáceis, a fim de ‘solucionar’ seus problemas”¹¹.

Nós, espíritas, temos mais uma forte razão para achar que a maioria dos pacientes terminais não está em condições de conhecer integralmente as conseqüências de suas escolhas quanto a abreviar ou não suas vidas corporais, pois não possuem o conhecimento espírita das implicações post mortem de cada uma das opções. Apenas o pleno entendimento das verdades eternas da imortalidade da alma é que permitiria uma decisão realmente livre, como nos ensinou o Mestre Jesus: “Conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará”. (João, 8:32.)

2) VISÃO ESPÍRITA

Os pontos discutidos até agora evidenciaram alguns dos riscos ligados à eutanásia, mas apenas do ponto de vista estritamente material. *O Espiritismo nos descortina novos e muito mais amplos horizontes, permitindo uma análise mais completa das conseqüências das ações humanas. Através dele percebemos que o sofrimento sempre tem uma causa, na vida presente ou nas anteriores. (O Evangelho segundo o Espiritismo [ESE], cap. 5).*¹² Há sempre um caráter educativo na dor, apontando-nos onde nos desviamos do objetivo da criação que é o culto harmonioso do belo e do bem, impulsionando-nos para o retorno do caminho em direção à reabilitação e à libertação. (LE, q. 1009.)

O Espírito São Luís nos adverte que “ninguém pode afirmar com segurança que lhe haja soado a hora derradeira” (ESE, cap. 5, item 28). Os médicos bem sabem da impossibilidade de prever com precisão o tempo de sobrevivência de cada paciente, podendo fornecer apenas expectativas baseadas em médias (havendo, naturalmente, indivíduos que sobrevivem mais ou menos que o tempo médio).

São Luís esclarece ainda que mesmo não havendo qualquer possibilidade de recuperação, os instantes finais da vida corporal podem ser de grande importância. *“Desconheceis as reflexões que seu Espírito poderá fazer nas convulsões da agonia e quantos tormentos lhe pode poupar um relâmpago de arrependimento (...). Minorai os derradeiros sofrimentos, quanto o puderdes; mas, guardai-vos de abreviar a vida, ainda que de um minuto, porque esse minuto pode evitar muitas lágrimas no futuro.”*

Pelo fato de as vicissitudes de um paciente terminal serem conseqüência de seus próprios atos atuais ou passados e por terem um caráter pedagógico, despertando-nos para o verdadeiro sentido da vida, os Espíritos nos advertem que “é sempre culpado aquele que não aguarda o termo que Deus lhe marcou para a existência” (LE, q. 53) sendo “sempre uma falta de resignação e de submissão à vontade do Criador” (LE, q. 953a).

Mesmo abstraindo-se a utilidade dos instantes finais da existência corporal, não podemos nos esquecer do desapontamento que surge em todos aqueles que voluntariamente abreviaram a vida para fazerem cessar o sofrimento, pois descobrem que a vida não acabou e muito menos o sofrimento, que geralmente se torna mais intenso (LE, q. 957).

Por todos os fatos acima é que Kardec, em seu comentário à questão 957 do LE, afirma que *“Ao Espiritismo estava reservado demonstrar, pelo exemplo dos que sucumbiram, que o suicídio não é uma falta, somente por constituir infração de uma lei moral, consideração de pouco peso para certos indivíduos, mas também um ato estúpido, pois que nada ganha quem o pratica, antes o contrário é o*

que se dá, como no-lo ensinam, não a teoria, porém os fatos que ele nos põe sob as vistas.”

A defesa à vida e o combate à eutanásia promovido pelo Espiritismo de forma alguma devem ser vistos como uma apologia do sofrimento, do masoquismo, pelo contrário, a postura espírita é a que, em última instância (considerando-se vida material e espiritual), traria menos sofrimento ao paciente terminal. E mesmo considerando-se os instantes finais enquanto encarnado, devem utilizar-se todos os recursos disponíveis para minorar o sofrimento do indivíduo, sendo que além dos recursos médicos, uma importantíssima fonte de alívio é o ponto de vista, sob o qual se encara a vida, que o Espiritismo fornece:

“A idéia clara e precisa que se faça da vida futura (...) acarreta enormes conseqüências sobre a moralização dos homens, porque muda completamente o ponto de vista sob o qual encaram eles a vida terrena. Para quem se coloca, pelo pensamento, na vida espiritual, que é indefinida, a vida corpórea se torna simples passagem, breve estada num país ingrato. As vicissitudes e tribulações dessa vida não passam de incidentes que ele suporta com paciência, por sabê-las de curta duração, devendo seguir-se-lhes um estado mais ditoso. À morte nada mais restará de aterrador (...). Sabendo temporária e não definitiva a sua estada no lugar onde se encontra, menos atenção presta às preocupações da vida, resulta n-do-lhe daí uma calma de espírito que tira àquela muito do seu amargor.” (ESE, cap. II, item 5.)

3) UMA PROPOSTA DE CUIDADOS PALIATIVOS

O PROGRAMA HOSPICE

Conforme já explicitado, em todo o mundo há uma enorme carência de estrutura material e de pessoal qualificado para o oferecimento de cuidados paliativos adequados a todos aqueles que deles necessitarem. Uma proposta para suprir essa lacuna e que vem apresentando considerável sucesso é a do Programa Hospice (que, em português, significa abrigo, hospedagem). Este tem sido considerado por muitos como a abordagem que oferece os melhores e mais competentes cuidados para os pacientes terminais³. No Programa Hospice, uma equipe interdisciplinar provê cuidados paliativos para os pacientes, ajudando-os e a seus familiares nos aspectos emocionais e espirituais que fazem parte da experiência de morrer. Os pacientes continuam a ser tratados por seus próprios médicos, mas há uma ênfase nos cuidados domiciliares dispensados por uma equipe treinada formada por enfermeiros, assistentes sociais, religiosos e voluntários. Os sintomas físicos são tratados para que o paciente permaneça confortável e busca-se propiciar que o indivíduo e os familiares alcancem um crescimento pessoal com as vivências que o morrer oferece. Neste ambiente, muitas questões familiares mal resolvidas podem ser solucionadas e reconciliações ocorrem.^{13 14 15}

O desencarnante pode encontrar paz enquanto mantém um senso de dignidade. Os familiares têm a oportunidade de dizer adeus (ou melhor, até breve!) e deixarem-no partir, sabendo que seu ente querido não sofreu nem foi abandonado. A equipe Hospice ainda fornece apoio para os familiares por um ano após a desencarnação do paciente.

É impressionante o quanto essas abordagens oferecidas pelo Programa Hospice aproximam-se da visão espírita, como afirmou Joanna de Ângelis:

“Agressores, exploradores, amantes (...) dos abusos de qualquer natureza volem aos cenários em que se empederniram, ou corromperam, ou infelicitaram, (...) refazendo o caminho antes percorrido criminosamente e entesourando os sagrados valores da paciência, da compreensão, do respeito a si mesmos e ao próximo, da humildade, da resignação, armando-se de bênçãos para futuros cometimentos ditosos.

Quem se poderá atribuir o direito de interromper-lhes a existência preciosa, santificadora?

As pessoas que se lhes vinculam na condição de pais, cônjuges, irmãos, amigos, também são-lhes partícipes dos dramas e tragédias do passado, responsáveis diretos ou inconscientes, que ora se reabilitam, devendo distender-lhes mãos generosas (...).

Ninguém se deverá permitir a interferência destrutiva ou liberativa por meio da eutanásia em tais processos redentores.” 16

4) CONCLUSÃO

O debate sobre a eutanásia é emblemático de uma sociedade que tem grande dificuldade em lidar com a realidade da morte.

A eutanásia oferece apenas um suposto término ao sofrimento, aparecendo como uma solução simplista que deixa inúmeras questões não resolvidas. Com ela, dificulta-se a humanização e melhoria do tratamento aos pacientes terminais, pois, ao se matar tais indivíduos, será suprimida uma grande demanda pelos cuidados paliativos. Não haverá familiares e pacientes pressionando as autoridades médicas e políticas para que seja universalizado o acesso a cuidados paliativos adequados, colaborando para a perpetuação da precária situação hoje existente em todo o mundo.

A eutanásia aborta as inúmeras oportunidades de crescimento pessoal para o paciente e familiares que a situação oferece. O processo desencarnatório deve ser entendido como uma parte da vida, como algo que necessita antes de preparo e acolhimento que negação e evitação. Uma maior aceitação da morte pode acarretar um maior respeito pela vida.

A eutanásia, por fim, rompe a experiência reencarnatória antes de seu término natural, embaraçando a evolução do Espírito e acarretando-lhe uma maior soma de dores.

FONTES BIBLIOGRÁFICAS:

- 1 KARDEC, Allan. O Livro dos Espíritos. 80. ed., Rio de Janeiro: FEB, 1998.
- 2 CAPLAN, Arthur. Physician-assisted suicide is not a good option without decent, universal health care – Minnesota Medicine, vol. 80, p. 46, 1997.
- 3 BRETSCHER, Mary et al. Quality of life in hospice patients – Psychosomatics vol. 40, p. 309-13, 1999.
- 4 The Lancet, vol. 349, p. 1709, 1997.
- 5 BERNABEI, Roberto et al. Journal of American Medical Association, vol. 279, p. 1877-82, 1998.
- 6 KISSANE, David et al. Seven deaths in Darwin: case studies under the rights of the Terminally Ill Act, Northern Territory, Austrália – Lancet vol. 352, p. 1092-102, 1998.
- 7 HENDIN, Herbert & KLERMAN, Gerald. Physician-assisted suicide: the dangers of legalization – American Journal of Psychiatry vol. 150, p. 143-5, 1993.
- 8 SHUSTER, John et al. Psychiatric aspects of excellent end-of-life care. Psychosomatics vol. 40, p. 1-4, 1999.

9 SENSKY, Tom. Patients' Reactions to Illness: Cognitive Factors Determine Responses and Amenable to Treatment. *British Medical Journal* vol. 300, p. 622-623, 1990.

10 PARKERSON GR, Gutman RA. Perceived Mental Health and Disablement of Primary Care and End-Stage Renal Disease Patients. *Int J Psychiatry Med.* vol. 27, p. 33-45, 1997.

11 TEIXEIRA, José Raul. *Justiça e Amor, pelo Espírito Camilo*, Niterói (RJ): Editora Fráter, 1996, p. 65.

12 KARDEC, Allan. *O Evangelho segundo o Espiritismo*. 117. ed., Rio de Janeiro: FEB, 2001.

13 MALLOY Matt. Hospice, an alternative to needless suffering or suicide. *Minnesota Medicine* vol. 80, 1997, p. 14 e 59.

14 VAWTER, Dorothy & Bablit, Barbara. Hospice Care for terminally ill patients. *Minnesota Medicine* vol. 80, p. 42-4, 1997.

15 SAUNDERS, Cicely. Into the valley of the shadow of death. *British Medical Journal* vol. 311, p. 1599-601, 1996.

16 FRANCO, Divaldo P. *Após a tempestade... Pelo Espírito Joanna de Ângelis* – Salvador (BA): Livraria Espírita Alvorada Editora, 1997, p. 76-81.

Perenidade de Inusitado Convite

PASSOS LÍRIO

“Vinde a mim, todos vós que estais aflitos e sobrecarregados, que eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei comigo que sou brando e humilde de coração e achareis repouso para vossas almas, pois é suave o meu jugo e leve o meu fardo.” (Mateus, 11:28-30.)

Todo convite comporta oportunidade própria e tem por objetivo finalidade específica.

Convites dos mais diversificados gêneros passam pelas nossas mãos assinalados por motivações e destinações determinantes.

São de diferentes ordens e qualificações.

Formalização de noivado.

Consecução de enlace matrimonial.

Comemoração de nascituro primogênito ou de novos rebentos no lar.

Festividade de debutante.

Cômputo de tempo na sucessão de anos na escala da aliança conjugal.

Solenidade de formatura.

Passagem de aniversário no círculo de familiares e amigos.

Assistência a peça teatral em cartaz ou a filme em exibição no circuito dos cinemas.

Celebração de efemérides memoráveis de vultos e fatos.

Comparecimento a partidas esportivas.

Acompanhamento de óperas, balés e recitais.

Outros há, não indicados à menção, por impropriedade de fins inconfessáveis.

Toda essa gama de convites, embora prodigalizem alegrias em movimentado passatempo, pouco depois caem no esquecimento, sem marcas que lhes assinalem as promoções.

Não assim o inusitado convite de Jesus, com tempo de duração nunca levado a termo e oportunidade sempre na ordem do dia, para validade e aceitação em qualquer fase de nossa vida, notadamente quando sob os acicates de dores físicas e morais. Prima pela originalidade: convidados, “aflitos e sobrecarregados”; perspectiva, compensação de alívio a penosos estados da alma; condição, tomar do Seu jugo e aprender com Ele brandura e humildade de coração; constatação, certeza de repouso para reabastecimento de energias, destemor, tranquilização por ser suave o Seu jugo e leve o Seu fardo. Real perenidade de inusitado convite!

Não há outra alternativa em nosso benefício senão esta, a menos que, voluntariamente, insistamos em manter, em prejuízo próprio, a posição de recalitrantes e retardatários, quando temos, a nosso dispor, a condição de participantes de uma nova modalidade de vida, em darmos os primeiros passos na senda de nossa caminhada ascensional, em cujo trajeto defrontar-nos-emos com renovados motivos de contínuo aprendizado, de freqüentes enlevos e de reiterados ensejos de gratificantes aprazimentos.

Indicado tão singular convite a amenizar lutas e dificuldades, a erradicar des-

falecimentos e desânimos, a reparar transtornos e contratempos, a pôr termo a malogros e frustrações, a sustar desapontamentos e decepções, o seu oferecimento é de toda atualidade, sem possível retrocesso nem interrupção, desde que, tendo olhos de ver e ouvidos de ouvir, acatemos ainda hoje e já agora tão significativo quão amorável aceno do Mestre.

Sem caráter excludente, não se limita a adstrito grupo de pessoas ou a determinado contingente de convidados, antes é extensivo indistintamente a todos nós, em cujo seio da Humanidade, somos, em geral, ainda coxos e estropiados, “calcetas da dor e grilhetas do pecado”, deteriorados do corpo e da alma, desestruturados da mente e do coração, destrambelhados do cérebro e do psiquismo, sofridos, e nessas precárias condições temos, em Quem nos convida, áureo e excepcional ensejo de lograr a remissão dos nossos débitos. É chegada a hora e agora é! Não há como nem porque tergiversar!

...

Jesus, bem-amado Mestre, releva-nos a ingrata atitude de desinteresse e indiferentismo que temos tido para com o Teu convite tão generosamente endereçado às nossas almas. Temos sido incoseqüentes e inconsiderados, desdenhando os benefícios com que Te propões a nos proporcionar, sem atentarmos na temeridade dessa postura tão facilmente suscetível de recrudescer nossos sofrimentos e até mesmo passível de levar-nos a desconsiderar o real aproveitamento do objetivo de nossa encarnação.

Só agora, depois de tamanho desperdício de tempo e perda de tão preciosas oportunidades é que despertamos para aceitar o Teu complacente convite, quando de há muito poderíamos ter usufruído as benesses de que ele é canalizador. E por sermos Espíritos empedernidos e impenitentes, temos capitulado ao guante de nossas provas e expiações.

Justamente por teres ciência desse contumaz alheamento e indiferença às conquistas verdadeiras, que só elas nos levam ao encontro de nossa felicidade, é que deixaste em aberto o Teu condescendente convite, certo de que, um dia, despertos, cansados de sofrer e desesperançados de nós mesmos, sentiríamos a premente e irremediável necessidade de receber o refrigério do orvalho de Tua compaixão para conosco.

Releva-nos, Senhor, por quem és, nossas incoseqüências e aberrações, acolhendo-nos misericordiosamente em Teu regaço amantíssimo, para reparação de nossas atitudes equivocadas e podermos estar Contigo em espírito e verdade, ainda hoje e amanhã, desde agora e sempre. Assim seja. ●

Considerações sobre o MEDNESP 2001

EVANDRO NOLETO BEZERRA

Como representante da Federação Espírita Brasileira, estivemos em São Paulo no período de 14 a 16 de junho de 2001 para, nas dependências do Palácio das Convenções do Anhembi, participar do *III Congresso da Associação Médico-Espírita do Brasil*, presidido pela Dra. Marlene Rossi Severino Nobre, Presidente da Associação Médico-Espírita do Brasil.

O tema central do Congresso focalizou *A Contribuição de André Luiz ao Paradigma Médico-Espírita*, através de palestras, seminários, painéis e temas livres, a cargo de abalizados expositores da Doutrina Espírita em nosso país, como Jorge Andréa dos Santos, Núbior Orlando Facure, Sérgio Felipe de Oliveira, Marlene Nobre, Roberto Lúcio V. de Souza, Zalmino Zimmermann, Alberto Almeida, André Luiz Peixinho, Ricardo Di Bernardi, e tantos outros nomes dos meios científico e jurídico que dignificam a Doutrina Espírita codificada por Allan Kardec.

Durante cerca de quarenta horas, o conteúdo das quatorze obras da chamada *série André Luiz*, psicografada pelo médium Francisco Cândido Xavier e editada pela FEB, foram amplamente *dissecados* e enriquecidos pelas investigações pessoais dos expositores presentes, tornando patente a extraordinária contribuição do Espírito André Luiz no campo científico, ao antecipar em cerca de cinquenta anos determinados conhecimentos que a Ciência, somente agora, se vê obrigada a admitir.

Temas oportunos e de grande atualidade, dentre outros, como transplante de órgãos, clonagem humana e embriões congelados, bioética e espiritualidade, eutanásia e aborto foram magistralmente desenvolvidos em seus aspectos médicos, jurídicos e espirituais, alargando os horizontes intelectuais e morais dos congressistas presentes.

O Dr. Núbior Orlando Facure abordou o tema *Hierarquias da Mente*, enfocando-o sob a óptica médico-espírita. Ex-professor titular de Neurocirurgia da UNICAMP, dirigindo, atualmente, o Instituto do Cérebro de Campinas, o Dr. Facure lançou recentemente o livro *O Cérebro e a Mente – uma conexão espiritual*, em que revela todo o seu tirocínio nessa área tão delicada da alma humana.

No painel sobre Bioética e Espiritismo, o Dr. Sérgio Felipe de Oliveira, Presidente da AME-SP, apresentou o seminário *Núcleos da Base – uma revelação de André Luiz à Neuro-psiquiatria*, além de tecer comentários muito judiciosos sobre a questão dos anencéfalos, defendendo a vida ao condenar o aborto dos que portam anomalia fetal considerada incompatível com a vida extra-uterina. Além da contribuição da área médica, esse painel contou também com a participação dos magistrados Zalmino Zimmermann, Presidente da Associação Brasileira de Magistrados Espíritas (ABRAME), e autor do livro *Perispírito*, e José Carlos de Lucca, Delegado da ABRAME em São Paulo.

O Dr. Jorge Andréa dos Santos, médico e expositor do *Instituto de Cultura Espírita do Brasil*, proferiu uma conferência muito concorrida sobre o tema *Os Canais do Psiquismo*. Embora se trate de matéria complexa e especializada, mesmo na área médica, foi facilmente assimilada pelos congressistas presentes, graças à abordagem acessível aos recursos didáticos que o conferencista, com tanta maestria, soube utilizar.

Um dos painéis dedicados à obra *Evolução em Dois Mundos*, de André Luiz, esteve sob a responsabilidade da Dra. Marlene Nobre, Presidente da AME-Brasil, que discorreu sobre *Os Caminhos Evolutivos do Ser rumo à Angelitude – do Átomo ao Arcanjo*, revelando apurada sensibilidade e domínio perfeito do tema enfocado.

Uma das apresentações mais notáveis esteve a cargo do Dr. Cícero Gall Coimbra, médico e Professor do Departamento de Neurologia e Neurocirurgia da Universidade

Federal de São Paulo, que discorreu sobre *Morte Encefálica e Transplante*, na visão espírita, lembrando que “os critérios usados hoje em diversos países, inclusive no Brasil, para diagnosticar a morte cerebral de um paciente, permitindo a retirada de órgãos para transplantes, não são adequados. Muitos indivíduos que recebem esse diagnóstico, após todos os exames clínicos e laboratoriais, exigidos atualmente, poderiam se recuperar e retomar a vida normal se fossem submetidos à hipotermia”, que consiste no “resfriamento do corpo, de 37oC para 33oC, por um período entre doze e vinte e quatro horas”. Como exemplo de critério não adequado, citou o chamado *teste da apnéia*, que poderia, por si só, induzir à morte encefálica que se deseja comprovar ou infirmar. Em outras palavras, “apesar de toda a experiência dos profissionais de saúde e de toda a tecnologia incorporada à Medicina ao longo do tempo, o diagnóstico de morte cerebral ainda envolve muitos pontos polêmicos” que devem ser avaliados com maior atenção.

O MEDNESP 2001 contou com a participação de 816 congressistas, oriundos de 17 Estados da Federação; 75 atividades profissionais estavam ali representadas, a grande maioria com formação universitária, especialmente nas áreas médica, paramédica e jurídica.

Pela importância, relevância e seriedade com que sua temática foi desenvolvida, a exemplo dos dois conclaves anteriores, os Congressos da Associação Médico-Espírita do Brasil vêm encontrando ressonância cada vez maior entre os espíritas de nosso país. Tais Congressos materializam a aliança que deverá reinar entre a Ciência e a Religião, ressaltada por Allan Kardec no capítulo I de *A Gênese*, quando afirmou: “*O Espiritismo e a Ciência se completam reciprocamente*; a Ciência, sem o Espiritismo, se acha na impossibilidade de explicar certos fenômenos só pelas leis da matéria; ao Espiritismo, sem a Ciência, faltariam apoio e comprovação.” ●

II Encontro Espírita Boliviano

Realizou-se em Cochabamba, Bolívia, nos dias 28 e 29 de julho, o II Encontro Espírita Boliviano, promovido pelo *Centro de Estudios Espíritas "Amalia Domingo Soler"*, daquela cidade, com a colaboração do *Hogar Espiritual "Martin de Porres"*, de Santa Cruz de la Sierra, dos Centros Espíritas "*Amor y Caridad*" e "*Allan Kardec*", de Trija, e dos Centros Espíritas de La Paz. O tema central – *El Estudio de la Mediumnidad y como divulgar correctamente la Doctrina Espírita* – foi desenvolvido pelos expositores brasileiros Divaldo Pereira Franco, Nestor João Masotti, Miguel de Jesus Sardano e Públio Carísio de Paula. Divaldo Franco proferiu, também, duas conferências na Casa de Cultura de Cochabamba.

Com a presença do Secretário-Geral do Conselho Espírita Internacional, Nestor João Masotti, foi fundada a *Federación Espírita Boliviana* (FEBOL), que congregará todos os Centros Espíritas do País. ●

Civilização e Progresso

IAPONAN ALBUQUERQUE DA SILVA

Desde a mais remota antiguidade, encontraremos no seio dos povos um ideal superior de progresso. Este, como é natural, surge através do trabalho intensivo dos membros das sociedades, do esforço coletivo e conjugado de todos os órgãos que compõem as comunidades.

Todavia, de permeio com essa dinâmica evolutiva, queremos ressaltar a situação daqueles que, na condição de autênticos promotores da Civilização e do Progresso, impulsionam nações, transformam idéias, criam sistemas de melhoramentos para as condições de vida de indivíduos e povos, e como que carregam em si as mais potentes virtudes do adiantamento e do avanço de idéias e realizações, deixando sobre a face da Terra os sinais indiscutíveis de sua superioridade intelecto-moral traduzida em obras de real interesse individual e coletivo.

Houve, há e haverá sempre criaturas assim, que, segundo sabemos, são Espíritos iluminados, enviados à Terra com a missão expressa e a finalidade precípua de fazê-la progredir.

Não pretendemos aqui fazer citações daqueles povos em cujos países floresceram obreiros e heróis de todos os matizes, mas apenas salientar que, tendo o Orbe Terreno atingido um alto índice de conhecimentos técnico-científicos, não lograram seus habitantes assentá-los sobre bases sólidas.

Passaram, multiplicaram-se e revezaram-se arautos e vanguardeiros da Civilização e do Progresso, porém, a grande, a inexcusável verdade é que o coração do Homem permanece fechado aos apelos do Alto, em terrível crise abúlica do sentimento, sofrendo de visível acromegalia em seu corpo associativo.

Antes de nos estendermos mais sobre tão momentoso quão palpitante assunto, recorramos à Codificação Kardequiana e atentemos para a orientação que, nesse sentido, nos vem de Mais Alto.

Vejamos os desdobramentos da pergunta 780 de *O Livro dos Espíritos* e as sapientíssimas respostas dos Espíritos Reveladores, dadas a Allan Kardec:

O progresso moral acompanha sempre o progresso intelectual?

“Decorre deste, mas nem sempre o segue imediatamente.”

a) – *Como pode o progresso intelectual engendrar o progresso moral?*

“Fazendo compreensíveis o bem e o mal. O homem, desde então, pode escolher. O desenvolvimento do livre-arbítrio acompanha o da inteligência e aumenta a responsabilidade dos atos.”

b) – *Como é, nesse caso, que, muitas vezes, sucede serem os povos mais instruídos os mais pervertidos também?*

“O progresso completo constitui o objetivo. Os povos, porém, como os indivíduos, só passo a passo o atingem. Enquanto não se lhes haja desenvolvido o senso moral, pode mesmo acontecer que se sirvam da inteligência para a prática do mal.

O moral e a inteligência são duas forças que só com o tempo chegam a equilibrar-se.”

Diante de tão oportunos e importantes esclarecimentos, concluímos facilmente que o fenômeno atualmente apresentado no Globo Terráqueo deixa de oferecer dificuldades de apreciação e entendimento.

O verdadeiro progresso de um povo, de uma nação estribar-se-á necessariamente nas suas conquistas morais e intelectuais e, quando tal não se verifica, apresentam-se anomalias no seio das coletividades, em forma de convulsões de toda espécie.

Levando-se em conta que essas ponderações se aplicam a todos os povos, deprender-se-á daí o lastimável aspecto que eles nos apresentam, por efeito dos desvios do Homem que aviltou a sua própria consciência e o seu senso de responsabilidade, dando às descobertas científicas aplicação para a guerra, como se o extermínio fosse Lei de Morte para a Vida.

Sobre a Civilização, vejamos ainda, em *O Livro dos Espíritos*, a pergunta 793 e a respectiva resposta:

Por que indícios se pode reconhecer uma civilização completa?

“Reconhecê-la-eis pelo desenvolvimento moral. Credes que estais muito adiantados, porque tendes feito grandes descobertas e obtido maravilhosas invenções; porque vos alojais e vestis melhor do que os selvagens. Todavia, não tereis verdadeiramente o direito de dizer-vos civilizados, senão quando de vossa sociedade houverdes banido os vícios que a desonram e quando viverdes como irmãos, praticando a caridade cristã. Até então, sereis apenas povos esclarecidos, que não percorrido a primeira fase da civilização.”

Ante tais assertivas, emanadas de Espíritos de escol, lastreadas pelo consenso da lógica, resta-nos somente confessar que longe estamos das verdadeiras metas da Civilização, daquela que há de imperar no futuro, quando da regeneração do Planeta.

A nós, espíritas, compete o dever inadiável de, à luz do Evangelho de Jesus-Cristo, batalharmos pela implantação dos princípios cristãos, acrisolarmos virtudes e fugirmos às esdrúxulas fórmulas de renovação calcadas em extremismos de violência, cientes das luminosas palavras de André Luiz: “O homem renovado para o Bem é a garantia substancial da felicidade humana.” ●

Jesus e a Obsessão

RILDO G. MOUTA

A obsessão é um dos flagelos da Humanidade. No entanto, Jesus, o Divino Mestre, enfrentou-a com dignidade e combateu-a, apesar de alguns “famosos” dirigentes de escolas espiritualistas afirmarem que a mesma surgiu por ocasião do aparecimento, na Terra, da Doutrina Espírita, quando, em realidade, o Espiritismo, afirma Emmanuel, “é o recurso para a supressão do flagelo”.¹

Em seguida, damos alguns relatos, existentes nos Evangelhos, da posição correta de Jesus diante do ataque, quase constante, de ferrenhos obsessores, e a sua vitória moral sobre eles.

A sua primeira luta contra tais foi quando Herodes decretou a matança de crianças, visando a exterminar a sua presença no Planeta, pois sabiam os obsessores que, assim o fazendo, estariam matando, no nascedouro, a Luz do mundo. Não o conseguiram.

Numa outra ocasião, Espíritos das trevas obsediavam um jovem lunático, do qual saíram, após jogar ao chão o doente, em convulsões epiléticas.

Em nossos dias, a obsessão continua a fazer suas vítimas. E para nos libertar dela é necessário estarmos sempre “vigiando e orando”, estudando e praticando a Doutrina dos Espíritos; educando a mediunidade, como nos ensina o Espírito Emmanuel: “(...) eduquemos a mediunidade na Doutrina Espírita, por que só a Doutrina Espírita é luz bastante forte em nome de Jesus.”²

E este mesmo Espírito, prefaciando o livro de André Luiz, *Nos Domínios da Mediunidade* (ed. FEB), psicografado por Francisco Cândido Xavier, afirma acerca da necessidade de nos aprimorarmos para o bom êxito da mediunidade, já que todos nós somos médiuns: “Sem noção de responsabilidade, sem devoção à prática do bem, sem amor ao estudo e sem esforço perseverante em nosso próprio burilamento moral, é impraticável a peregrinação libertadora para os Cimos da Vida.”

●

¹ Reformador, fevereiro de 1961, p. 48.

² Idem, Ibidem.

Mirabelli — Um Médium Quase Perfeito

FABIANO PASSEBON

Mirabelli já foi manchete nos mais importantes jornais brasileiros. Mesmo fora de transe, com sua aproximação, móveis se arrastavam, sem contato humano, garrafas voavam, xícaras se quebravam. Pesquisadores estrangeiros vieram ao Brasil para examiná-lo.

Carmilo (por muito tempo pensou-se que seu nome fosse Carmine) Mirabelli nasceu em Botucatu (SP) em 5 de dezembro 1888. Seu pai, que teve 28 filhos, era sapateiro e ministro protestante.

Infelizmente o médium não pôde estudar por falta de recursos. Ainda adolescente, trabalhou na loja de calçados Clark, no Centro de São Paulo, de onde foi logo despedido pelo fato de que as caixas desciam das prateleiras e os sapatos caminhavam sobre o balcão, sem contato humano, diante do gerente e dos fregueses.

Houve quem o considerasse o médium mais completo do mundo e de todos os tempos. Diria que quase completo, pois só não possuía mediunidade de cura. Foi médium pintor (deixou 300 telas mediúnicas: 50 foram expostas na Holanda), psicofônico (em transe falava 26 idiomas), psicografava em 28 línguas, vivas e mortas, e enquanto o fazia conversava, animadamente, em outra língua! Foi também médium musical (em transe tocava piano e violino e cantava com voz de tenor, barítono e baixo árias em vários idiomas). Era telepata, clarividente e médium de precognição e retrocognição. Possuía também três outras modalidades mediúnicas poderosas na área dos chamados fenômenos objetivos: materialização, desmaterialização e levitação.

Vejam que interessante – sua mediunidade dispensava a penumbra e os fenômenos físicos por ele produzidos foram observados por mais de 500 pessoas de elevado nível cultural, entre elas 72 médicos e 105 estrangeiros.

Jamais alguém o apanhou em fraude.

Em São Paulo, no centro da cidade, foi vaiado e achincalhado pelo povo. E a sua casa apedrejada. E em São Vicente, reconhecido através dos jornais por um grupo de fanáticos religiosos, foi barbaramente espancado.

Com menos de 21 anos foi levado como louco ao Hospício de Juqueri (hoje Franco da Rocha), sendo examinado por Franco da Rocha e outros, que eram sumidades no campo da psiquiatria.

Fenômenos se processaram à luz do dia, deixando atônita a junta médica. Alguns dos pareceres médicos foram divulgados pelos jornais e fazem parte da obra *O Médium Mirabelli, Resultado de um Inquérito*, editado em 1926 na cidade de Santos, por Rodolfo Mikulasch. Este livro deve ser difícil de ser encontrado, talvez em algum sebo.

O próprio Mirabelli criou várias instituições no Rio de Janeiro e em São Paulo para o exame de sua fenomenologia mediúnica, como, por exemplo, a Academia Brasileira de Metapsíquica, o Centro de Estudos Psíquicos César Lombroso e o Instituto Psíquico Brasileiro.

O escritor, advogado e deputado Eurico de Góes fez uma pesquisa que durou cerca de vinte anos em torno dos fenômenos medianímicos de Mirabelli. Publicou em 1937 o livro *Prodígios da Biopsíquica obtidos com o Médiun Mirabelli*, reproduzindo as atas das sessões, rubricadas por importantes personalidades.

Durante uma sessão, o médium se desmaterializou por completo, diante dos presentes, ouvindo-se, em seguida, um barulho no compartimento contíguo. Uma determinada pessoa abre a porta e todos deparam com Mirabelli suspenso no ar, a três metros do solo, sem qualquer apoio. O fenômeno foi fotografado.

Descobri que não apenas Espíritos familiares de Mirabelli, como seu pai, a tia, a irmã, mas também Espíritos famosos como Victor Hugo, Lombroso, Tolstoi e outros se manifestavam através do médium. Às vezes, Espíritos inferiores, moralmente falando, se infiltravam nas sessões, provocando tumultos. Conta Eurico de Góes que viu Mirabelli ser levantado da cama e, em seguida, jogado contra um guarda-roupa por mãos invisíveis, causando-lhe ferimentos.

Ao entrar numa casa, os objetos se moviam, voavam, quebravam-se devido a esses Espíritos atrasados.

O livro *O Espiritismo à Luz dos Fatos*, de Carlos Imbassahy, fala um pouco sobre este famoso médium. As louças de Imbassahy também se quebraram com a aproximação de Mirabelli.

No dia primeiro de maio de 1951, Carmilo Mirabelli desencarnou atropelado na Av. Nova Cantareira, na cidade de São Paulo, quando voltava para casa. Tinha, então, 62 anos de idade. Ele conseguiu, de fato, calar a boca de muito materialista, que acha que a Física explica tudo.

Podemos dizer que seus fenômenos ficarão para sempre na história da Mediu-
nidade e sua vida como exemplo de fidelidade à verdade espiritual. ●

Assassinatos Preventivos

JOSÉ YOSAN DOS S. FONSECA

Registramos em Reformador de maio deste ano matéria publicada pelo jornal *O Globo*, o que consideramos uma reativação da campanha pró-aborto, por estabelecer relação entre sua liberalização e a redução extraordinária do crime nos EUA na década de 90.

Mais aborto, menos crime, sintetiza a tese de dois professores americanos, um de Economia, outro de Direito. Ressalvam não serem a favor do aborto, nem proporem o aborto como fórmula de reduzir crime, mas, estarem apenas fazendo a matemática da conexão. Lucas Mendes, na coluna *Manhattan Connections*, do jornal *O Globo* de 6 de maio de 2001, registrou que “estão levando bordoadas de todos os lados”.

Merecidamente, a nosso ver, porque, embora simplista, a teoria é falaciosa e pode induzir muitos a erro. Liberado nos EUA em 1973, o número de abortos subiu de 700 mil para 1,6 milhão por ano. Desde 1973 já teriam sido feitos 27 milhões de abortos, basicamente de gestantes solteiras, pobres, negras e adolescentes, cujos filhos *supostamente não desejados* teriam duas vezes mais propensão para o crime do que os filhos desejados.

Segundo Lucas Mendes “o estudo” vai ser publicado pela Harvard University e, pela primeira vez, debatido na *American Society of Criminology*.

Perigo à vista. Quando uma relação falaciosa como esta, que ignora e não computa os 27 milhões de “assassinatos preventivos” perpetrados desde 1973, visando a estabelecer uma teoria socioeconômica perversa, mas com credibilidade universitária para convencer os que querem ser convencidos, tem início a institucionalização do absurdo. Talvez, nos EUA, muitos venham a aderir a essa proposta de “limpeza étnica” que tem produzido tanta mortandade no mundo.

Na realidade a criminalidade não diminuiu, como sugere a tese – aumentou e se alastrou. Quem raciocinar perceberá.

O livro *O que dizem os Espíritos sobre o Aborto*, lançamento da FEB, seria uma fonte de esclarecimento importante para aqueles professores. ●

Aborto

– *Constitui crime a provocação do aborto, em qualquer período da gestação?*

“Há crime sempre que transgredis a lei de Deus. Uma mãe, ou quem quer que seja, cometerá crime sempre que tirar a vida a uma criança antes do seu nascimento, por isso que impede uma alma de passar pelas provas a que serviria de instrumento o corpo que se estava formando.”

Fonte: KARDEC, Allan. O Livro dos Espíritos. 81. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2001, q. 358, p. 202.

A FEB e o Esperanto

Espiritismo e Esperanto na Croácia 86º Congresso Universal de Esperanto

ISMAEL DE MIRANDA E SILVA

“O Espiritismo bem entendido e bem compreendido tornar-se-á, conforme disseram os Espíritos, a grande alavanca de transformação da Humanidade.”
Allan Kardec – *Obras Póstumas*.

Difundir a Doutrina Espírita, colocando-a ao alcance e a serviço da Humanidade, é dever de consciência para todos os que já são felicitados com o seu conhecimento.

A Federação Espírita Brasileira, a Sociedade Editora Espírita F. V. Lorenz e a Associação Mundo Espírita (AME) uma vez mais concretizam a aspiração contida naquelas palavras de Kardec, fazendo realizar durante o 86º Congresso Universal de Esperanto, ocorrido de 21 a 28 de julho de 2001 na cidade de Zagreb, Croácia, uma exposição sobre o Espiritismo, composta por três módulos. No primeiro, o autor destas notas apresentou aos congressistas presentes na reunião todas as obras da Codificação, resumindo-lhes os respectivos conteúdos; historiou sucintamente sobre o Espiritismo, com destaque para os vultos do próprio Codificador e de Arthur Conan Doyle, cujo renome mundial confere grande prestígio às idéias espíritas nos círculos europeus; e finalizou, projetando o texto em Esperanto do *Pai Nosso (Patro Nia)*^{*}, com a interpretação de cada proposição à luz da Doutrina. No segundo módulo, o *samideano* Robson Mattos, representante da Sociedade Lorenz, abordou o tema “Espírito, Perispírito, Matéria”, à luz do qual expôs sobre as íntimas relações entre esses elementos para promoverem a evolução nos campos material e espiritual. O terceiro módulo consistiu na distribuição gratuita de 150 livros ofertados pela FEB, SOC. LORENZ e AME, dentre os quais 100 exemplares de *O Livro dos Espíritos*. A parte, já tradicional, de nossas reuniões, dedicada às perguntas dos congressistas, teve continuação, pela exigüidade do tempo, nos corredores. Algumas questões revestiram singular importância, considerando que a grande maioria dos presentes não era espírita: Como o Espiritismo vê a crença materialista que faz residir exclusivamente no cérebro a inteligência das pessoas? Se todos somos filhos de Deus, onde se originam as diferenças entre os homens? O Espírito de uma criança que sofreu um acidente e morreu muito jovem pode ser tão adiantado quanto o Espírito de um adulto? A todos estendemos os esclarecimentos proporcionados nos textos básicos da Doutrina Espírita.

O 86º Congresso Universal foi uma festa da Fraternidade, sob os auspícios da Língua Internacional Neutra Esperanto. Seu tema principal foi *Cultura de diálogo – Diálogo entre culturas*, em harmonia com a programação da ONU, pela qual o ano

* Pelo Espírito Meimei, psicografado por Francisco Cândido Xavier e editado pela FEB.

de 2001 foi declarado “Ano de Diálogo entre Civilizações”. Num verdadeiro diálogo deve reinar, acima de tudo, o respeito entre os interlocutores, do ponto de vista das diversas peculiaridades que os caracterizam, consagrando-se os objetivos essenciais da união, da concórdia, da tolerância, da fraternidade acima de todas e quaisquer diferenças.

Zamenhof sonhou com a concretização de um terreno neutro em que as diversas expressões individuais da imensa família humana se reunissem e prestassem culto à Fraternidade, e para tão alto objetivo trouxe à Terra o Esperanto que, sem dúvida alguma, favorece esse diálogo acima de quaisquer fronteiras. Também Kardec, ao referir-se à pura doutrina do Cristo, viu-a praticada nesse campo neutro, acima das expressões particulares da religiosidade, e para essa igualmente grandiosa tarefa codificou em doutrina a universal Revelação dos Espíritos.

Não é por outra razão que os Espíritos, fazendo ouvir suas autorizadas vozes no Brasil, irmanaram os dois grandes Ideais, colocando-os sob a égide das elevadas doutrinas do Evangelho. ●

Da Vida Esperantista

O problema lingüístico não é tão irrelevante como se supõe: 8 pessoas morreram e 12 ficaram gravemente feridas numa colisão de trens ocorrida em março de 2001, em Pecrot, perto de Bruxelas, na Bélgica. As investigações mostraram que a causa do sinistro foi o fato de que o chefe-de-estação em Wavre não conseguiu fazer entender ao seu colega holandês, baseado em Loveno, a 20km, a informação de que o trem havia desrespeitado a luz vermelha. Pecrot fica na linha que separa as regiões de Flandres e da Valônia, onde se falam múltiplos dialetos.

Reações Prestigiosas ao Congresso Universal de Esperanto

Do Secretário-Geral da Organização das Nações Unidas:

“É para mim um prazer externar votos de sucesso ao 86º Universala Kongreso de Esperanto.

O movimento pelo Esperanto sempre participou do objetivo de interligar as pessoas além das fronteiras nacionais. Hoje vivemos em uma nova época de comunicação na qual é possível transmitir informações com maior rapidez e mais distante do que nunca.

.....

Enquanto trabalhamos para os nossos objetivos comuns de uma melhor comunicação e compreensão, fico antecipadamente feliz pela contínua colaboração e boa-vontade entre as Nações Unidas e o Movimento pelo Esperanto. [En tiu spirito mi deziras al vi plenan sukceson]. Nesse espírito desejo-lhes um completo sucesso.”

Nota: A última frase desse documento, todo redigido em inglês, foi escrita em Esperanto.

De John Daniel, Diretor-Geral Assistente de Educação da
Unesco:

“Tenho o prazer de enviar minhas saudações aos participantes do 86o Universala Kongreso de Esperanto, em Zagreb, Croácia, com o tema ‘Cultura de diálogo – Diálogo entre Culturas’.

A Unesco se preocupa especialmente por esse tema: em primeiro lugar, por seu objetivo de fazer progredir uma cultura de paz, e, também, ainda mais atual no corrente ano, por ocasião do Ano das Nações Unidas do Diálogo entre Civilizações. O fato de que o Congresso Universal de Esperanto seja dedicado a este Ano das Nações Unidas é especialmente significativo para a Unesco. Organizações não-governamentais, como a de vocês, exercem um importante papel no avanço das metas e objetivos das Nações Unidas, e a Unesco tem em grande consideração suas longas relações com a Associação Universal de Esperanto.

.....

O trabalho da Unesco em educação, comunicação e cultura enfatiza permanentemente a importância do plurilingüismo, e da conservação da diversidade lingüística num planeta em globalização. Reconhecemos, porém, que essa diversidade nunca deva ser usada como pretexto para a violência em conflito. Eis o nosso desafio. Compartilhamos esse desafio com nossos colaboradores no mundo, como, por exemplo, vocês, que se dedicam aos objetivos do Diálogo entre Civilizações.

Nesse quadro, temos em alta consideração o trabalho do Congresso Universal de

Esperanto, porque vocês fazem progredir uma língua que é instrumento de diálogo entre civilizações e que não tem fixadas suas raízes na cultura ou tradição intelectual de um grupo definido de nações.

Desejo ao Congresso um pleno sucesso.”

Missão e Poder dos Apóstolos

SEVERINO BARBOSA

Segundo narrativa dos quatro evangelistas, o grupo dos doze apóstolos era composto de André e seu irmão Simão, a quem Jesus apelidou de Pedro; Tiago e João, ambos filhos de Zebedeu, também apelidados de Boanerges, ou seja, filhos do trovão, segundo os costumes e tradições judaicas daquela época; Filipe e Bartolomeu; Tomé e Mateus, o publicano; Judas Tadeu e seu irmão Tiago Menor, filhos de Alfeu; Simão Cananeu e Judas Iscariotes, o traidor.

Logo após o convite aos seus doze seguidores diretos, e todos reunidos em histórica assembléia, Jesus conferiu-lhes poderes espirituais para expulsarem os Espíritos impuros, curarem os doentes e pregarem o Evangelho por toda parte.

Ao enviá-los para o cumprimento da missão apostólica, teve o Mestre a cautela de adverti-los de que não pregassem aos gentios nem entrassem nas cidades dos samaritanos, mas que, primordialmente, fossem oferecer as benesses do Cristianismo às “ovelhas perdidas da Casa de Israel”.

Outrossim, autorizou-os a ensinar que o Reino de Deus estava próximo, que ressuscitassem os mortos, limpassem os leprosos, e, no trabalho de assistência aos sofredores, dessem de graça o que gratuitamente houvessem recebido.

O Mestre, zelosamente, alertou os apóstolos sobre os perigos das preocupações relativas às grandezas e riquezas materiais, e deu-lhes, à guisa de advertência fraterna, as seguintes instruções: “Não tenhais ouro nem prata, nem qualquer moeda nos vossos cintos, nem sacos para a viagem, nem duas túnicas, nem sandálias, nem bordão, porquanto o obreiro merece que o sustentem.” (Mateus, 10:8-11.)

O Evangelista Mateus, prosseguindo em sua feliz narrativa, no mesmo capítulo acima, até o versículo 15, registra: “Ao entrardes em qualquer cidade ou aldeia, perguntai onde há um justo e em sua casa permaneci até que partais de novo. Ao penetrardes na casa, saudai-a, dizendo que a paz esteja nesta casa. Se a casa for digna disso, vossa paz descerá sobre ela; e, se o não for, a vossa paz voltará para vós. Quando alguém não vos quiser e não vos escutar as palavras, ao sairdes da casa ou da cidade onde tal se deu, sacudi a poeira dos vossos pés. Em verdade vos digo: no dia do juízo, menos rigor haverá para com a terra de Sodoma e de Gomorra do que para com essa cidade.”

Antes de tudo e sobretudo, recorramos às luzes do Espiritismo para as explicações e interpretações das sobrecitadas passagens evangélicas.

Os doze apóstolos, embora Espíritos relativamente elevados, todos, individualmente, não possuíam o mesmo nível ou grau de evolução moral e intelectual. O primeiro exemplo é o de Judas Iscariotes. Era relativamente elevado em inteligência, mas pouco moralizado. Ainda guardava no espírito resquícios de desonestidade e covardia, tanto que comercializou a vida do Cristo, entregando-O aos sacerdotes do Judaísmo pela importância de trinta moedas, de considerável valor na-

quele tempo.

Os demais apóstolos e discípulos seriam, também, portadores de outros gêneros de imperfeições. Até mesmo na condição de Espíritos reencarnados, sofriam eles a influência dos preconceitos sociais, dos costumes e hábitos próprios de sua época. Esse fato é inegável e bastante compreensível.

Não obstante fossem eles criaturas humanas sujeitas a tropeçarem e, portanto, não tenham sido seres angélicos ou pessoas santificadas, já reencarnaram com a missão de ser assessores diretos de Jesus. Sem dúvida, o compromisso deles com a obra cristã fora assumido no mundo espiritual. Assim, a conclusão é que, se Jesus não convidou as grandes figuras do Sinédrio, tais como os Anás e os Caifás, foi porque estes não estavam comprometidos com a causa do Cristianismo, mas sim com o Judaísmo, religião oficial dos judeus e fiel seguidora da doutrina de Moisés.

Na mesma seqüência de raciocínio, diríamos que se o Mestre advertiu aos discípulos que não fossem ter com os gentios nem pregassem aos samaritanos, não foi no sentido de discriminá-los, ou mesmo, em linguagem moderna, “excomungá-los”. Ele quis dizer que os gentios não estavam amadurecidos de espírito para receber a mensagem do Evangelho, naquele momento.

E quanto aos samaritanos, estes, por terem fundado uma seita dissidente do Judaísmo e portanto mais fanáticos no cumprimento da Lei de Moisés do que mesmo os próprios judeus ortodoxos (que já eram extremamente rígidos), Jesus também achou que era inútil levar-lhes os ensinamentos da Boa-Nova. Foi tão-somente uma questão de prudência da parte do Mestre, para não perder tempo. Quem sabe se o sofrimento e o tempo não se incumbiriam de amadurecer os espíritos imaturos dos samaritanos e dos gentios? Como já dissera um sábio francês: “Não há nada que o tempo não absorva e devore.”

O Mestre também ensinou que, preferencialmente, a mensagem cristã fosse levada “às ovelhas desgarradas da Casa de Israel”. Grande e sublime alegoria, que representa os sofredores do corpo e da alma de todas as classes sociais, com ou sem religião. Em sentido genérico, a mesma alegoria representa os desviados e pecadores arrependidos de todos os gêneros, mas, humildes. E como Ele se expressava em linguagem figurada, com a visão voltada para as gerações futuras, quando falava em Israel, não se referia à grande nação dos judeus, dentro dos seus limites territoriais, mas sim à Humanidade.

O ensinamento do Mestre – “Ide e pregai que o reino de Deus está próximo” – é de uma substância espiritual sublime. Ele queria dizer, certamente, às criaturas que fossem dóceis aos seus ensinamentos, que os aceitassem e praticassem em toda a sua inteireza, que realmente o Reino de Deus estaria próximo. Porém, para aqueles que fossem desobedientes, a bem-aventurança do reino celestial estaria distante.

Ao recomendar que os discípulos, em seu nome, ressuscitassem os mortos, não queria significar que eles fizessem “retornar” aos seus corpos os aparentemente mortos (fenômenos de letargia e catalepsia), a exemplo dos casos narrados pelos evangelistas, referindo-se a Lázaro, ao filho da viúva de Naim, à filha de Jairo e tantos outros? Fazer cessar o estado cataléptico dos considerados mortos significava “ressuscitar os mortos”.

Curar os leprosos não era outra coisa senão utilizarem os discípulos dos seus próprios fluidos magnéticos, assistidos pelos bons Espíritos.

No trabalho de assistência aos sofredores, que oferecessem de graça o que

de graça houvessem recebido, era a recomendação de que não fizessem comércio das coisas que vêm de Deus, uma vez que eles, os discípulos, eram todos médiuns e, como tal, não pagaram para possuir a faculdade mediúnica.

Finalmente, a recomendação para que os discípulos abençoassem as casas ou locais que não quisessem receber as pregações do Evangelho tem o sentido de adotar a boa conduta de deixar os descrentes em paz, já que não dispõem de maturidade espiritual para receber os postulados da Boa-Nova.

Em resumo, uma das preocupações de Jesus em relação aos seus apóstolos era no sentido de que eles não ambicionassem as riquezas e grandezas do mundo, porque, seduzidos por elas poderiam se esquecer e se desviar da missão para o cumprimento da qual foram designados por Jesus. ●

À Morte

Ó Morte, eu te adorei, como se foras
O Fim da sinuosa e negra estrada,
Onde habitasse a eterna paz do Nada
Às agonias desconsoladoras.

Eras tu a visão idolatrada
Que sorria na dor das minhas horas,
Visão de tristes faces cismadoras,
Nos crepes do Silênio amortalhada.

Busquei-te, eu que trazia a alma já morta,
Escorraçada no padecimento,
Batendo alucinado à tua porta;

E escancaraste a porta escura e fria,
Por onde penetrei no Sofrimento,
Numa senda mais triste e mais sombria.

Antero de Quental

Seara Espírita

FEB – Conselho Federativo Nacional

O Conselho Federativo Nacional, órgão da Federação Espírita Brasileira, realiza sua Reunião Ordinária de 2001 em Brasília, nos dias 9, 10 e 11 deste mês (sexta-feira, sábado e domingo), com a participação de 27 Entidades Federativas dos Estados e do Distrito Federal, e de 4 Entidades Especializadas de Âmbito Nacional – Associação Brasileira de Divulgadores do Espiritismo, Associação Brasileira de Magistrados Espíritas, Cruzada dos Militares Espíritas e Instituto de Cultura Espírita do Brasil. Serão abordados importantes assuntos de interesse do Movimento Espírita brasileiro.

M. G. do Sul: Encontro com Jesus

A Federação Espírita de Mato Grosso do Sul e a União Regional Espírita de Campo Grande promoveram, em 7 e 8 de julho, no Palácio Popular da Cultura, Sala Manoel de Barros, o seminário *Encontro com Jesus*, com Divaldo Pereira Franco, baseado no livro por ele psicografado, *Jesus e o Evangelho à luz da psicologia profunda*, de autoria do Espírito Joanna de Ângelis.

Belo Horizonte (MG): Semana Universitária Espírita

Realizou-se de 27 a 31 de agosto a I Semana Universitária Espírita de Belo Horizonte, com o objetivo de levar ao ambiente universitário os princípios básicos da Doutrina Espírita. O evento foi promovido pelo Núcleo de Divulgação Espírita Universitária, constituído por acadêmicos de várias universidades da capital mineira e ocorreu no auditório 2 do Instituto de Ciências Biológicas da UFMG – Campus Pampulha.

Holanda: Encontro Nacional Espírita

Realizou-se em 30 de junho o 1o Encontro Nacional Espírita da Holanda, reunindo pessoas das cidades de Hoorn, Rotterdam, Amsterdam, Alkmaar, Hoofddorp, Wervershoof e Utrecht. Estiveram presentes os Grupos Espíritas: Associação de Estudos Espíritas Allan Kardec, de Hoorn, Grupo de Estudos Espíritas Allan Kardec, de Rotterdam, J. G. Plate, de Amsterdam, e Grupo do Evangelho no Lar, de Utrecht. A Coordenadoria de Apoio ao Movimento Espírita da Europa, do Conselho Espírita Internacional, esteve representada pelo Departamento para Integração dos Países da Europa. (RIE.)

Raul Teixeira no Exterior

África: No mês de julho, de 13 a 22, José Raul Teixeira proferiu uma série de palestras espíritas e seminários em Johannesburg (África do Sul) e Maputo (Moçambique). Colômbia: A convite da Federação Espírita de Cundinamarca, Raul Teixeira coordenou dois seminários em Cartagena, nos dias 25 e 26 de agosto, e dois seminários em Bogotá, em 1o e 2 de setembro, além de fazer várias palestras em outras cidades colombianas.

S. André (SP): 50ª Semana Espírita

Comemorando seu cinquentenário de fundação, a U.S.E. Municipal de Santo André promoveu, de 21 a 28 de outubro passado, sua 50ª Semana Espírita, com o tema central *A Doutrina Espírita no Limiar de uma Nova Era para a Humanidade: Globalização – Convulsão Social – Consumismo*, desenvolvido, através de palestras, pelos expositores paulistas João Lourenço C. Navajas, Izaias Claro, Reynaldo Leite, Altivo Ferreira, Richard Simonetti, Eliseu F. da Mota Júnior e, de Santa Catarina, Ricardo Di Bernardi.

R. G. do Sul: Congresso Médico-Espírita

A Associação Médico-Espírita do Rio Grande do Sul realizou nos dias 21 e 22 de julho o 1º Congresso Médico-Espírita daquele Estado, no Centro de Eventos do Hotel Plaza São Rafael, com o tema central *Concepção Espírita de Saúde e as Novas Perspectivas da Atualidade*. O evento teve o apoio da Federação Espírita do Rio Grande do Sul, das AMEs de Bagé e Santa Maria e do Hospital Espírita de Porto Alegre.

Ceará: Congresso Espírita

A Federação Espírita do Estado do Ceará realiza no Centro de Convenções de Fortaleza, de 30 de novembro a 2 de dezembro, o VI Congresso Espírita do Estado do Ceará, com o tema central – *Em Busca da Espiritualidade Superior*. Serão expositores: Solange Maria Pinto Meinking (CE), Luciano Klein Filho (CE), Sandra Borba (RN), Ana Guimarães (RJ), Geraldo Guimarães (RJ) e Clidenor Sousa (CE). Paralelamente, ocorrerá o I Congresso da Juventude Espírita do Estado do Ceará.



REFORMADOR

PEDIDO DE ASSINATURA:

ALTERAÇÃO DE ENDEREÇO:

Nome

Endereço

Bairro CEP

Cidade Estado

País Tel.:

* Se você deseja oferecer uma assinatura de presente a alguém preencha o quadro acima com os dados do presenteado e o quadro abaixo com seus dados.

Para cobrança: Nome

Endereço.....

Bairro..... CEP

Cidade Estado

País Tel.:

NOTA: O pedido de assinatura deve vir acompanhado do comprovante do pagamento da assinatura anual, no valor de R\$ 24,00.

O pagamento pode ser feito através de cheque nominal à Federação Espírita Brasileira, ou de ordem de pagamento, vale postal, ou solicitação à FEB do boleto bancário.

SEJA SÓCIO DA FEB

A FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA é instituição sem fins lucrativos, de caráter nacional, dedicada ao estudo e difusão da Doutrina Espírita, por sua divulgação e apoio ao Movimento Espírita nacional e internacional.

Associe-se à Instituição, como sócio contribuinte, colaborando para a tarefa a que se propõe realizar na causa do bem e na prática da caridade. Basta preencher este cupom e colocá-lo no correio; não precisa selar. A cada trimestre você decide o valor de sua contribuição.

Indique a seguir o valor para o trimestre inicial: **R\$**..... *

Nome.....

Endereço..... CEP

Município..... EstadoPaís

Tel.: () Celular ()..... Fax

E-Mail..... Identidade.....CPF

Assinatura.....

* Valor mínimo trimestral de R\$ 15,00. Aguarde as boletas e instruções para pagamento.